

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

THAYS BOMFIM KLOSS

RELIGIÃO E JORNALISMO – CWBudistas: perfis sobre o budismo curitibano

CURITIBA

2015

THAYS BOMFIM KLOSS

RELIGIÃO E JORNALISMO – CWBudistas: perfis sobre o budismo curitibano

Trabalho apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso como requisito parcial à conclusão do Curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo. Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Guilherme Gonçalves

CURITIBA

2015

THAYS BOMFIM KLOSS

RELIGIÃO E JORNALISMO – CWBudistas: perfis sobre o budismo curitibano

Monografia aprovada como requisito parcial à conclusão do Curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo. Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal do Paraná, pela Banca Examinadora formada pelos professores:

Orientador: Prof. Dr. Guilherme Gonçalves

Prof. Membro da Banca

Prof. Membro da Banca

Curitiba, de de 2015.

RESUMO

O budismo originou-se há mais de 2500 anos e se expandiu para além da Índia, Japão, China e outros países orientais. No Brasil, os imigrantes japoneses trouxeram nas bagagens muito mais que seus pertences, e deixaram raízes da sua cultura que encontraram as raízes ocidentais. Em Curitiba, o budismo encontrou alguns pontos da cidade e formou comunidades. Este Trabalho de Conclusão de Curso buscou contar as histórias de seis personagens que, em algum ponto da vida, optaram por uma busca e encontraram o budismo. O trabalho se propôs a produzir conteúdo jornalístico usando a plataforma web, utilizando de uma linguagem mais leve que o convencional e a produzir conteúdo multimídia. Além dos textos mais curtos, o material é composto também de vídeos, fotos e áudio. A proposta é informar o público que não tem nenhum contato com o budismo, trazendo um conteúdo que não é encontrado em mídias tradicionais. O trabalho foi feito por meio de pesquisa bibliográfica sobre jornalismo e web, composição de perfis, a linguagem do jornalismo literário e, claro, sobre a prática do budismo. Além disso, também através da observação-participante e coleta de depoimentos e entrevistas, com produção de fotos, vídeos, áudio, edição de texto, informações e produção do produto online.

Palavras-chave: Webjornalismo. Multimídia. Perfil. Jornalismo Literário. Budismo.

ABSTRACT

Buddhism originated more than 2500 years ago and has expanded beyond India, Japan, China and other Eastern countries. In Brazil, Japanese immigrants brought in the luggage much more than your belongings and left together the roots of their culture with the Western roots. In Curitiba, Buddhism found some parts of the city and formed communities. This project sought to tell the stories of six characters that at some point in their lives opted for a search and found Buddhism. The study aimed to produce news content using the web platform, using a lighter language than conventional and to produce multimedia content. In addition to the shorter texts, the material also consists of videos, photos and audio. The proposal is to inform the public that has no contact with Buddhism, bringing content that is not found in traditional media. The work was done by means of literature on journalism and web, profile composition, the language of literary journalism and of course on the practice of Buddhism. In addition, also through participant observation and collection of testimonials and interviews with production of photos, videos, audio, text editing, information and production of the product online.

Keywords: Web journalism. Multimedia. Profile. Literary journalism. Buddhism.

Lista de ilustrações

FIGURA 1 – Tabela IBGE da evolução numérica do budismo no Brasil	22
FIGURA 2 – Reportagem “Pro dia nascer feliz”	26
FIGURA 3 – Reportagem “O que fazer na Índia”	27
FIGURA 4 – Reportagem “Denúncia mancha reputação de monge”	28
FIGURA 5 – Reportagem “Budismo radical está por trás de crise humanitária”	29
FIGURA 6 – Reportagem “É possível treinar o cérebro para ser feliz, diz monge francês especialista em biologia molecular”	31
FIGURA 7 – Plataforma Wix utilizada para a criação do site	47
FIGURA 8 – <i>Template</i> pré-definido escolhido para a montagem do site	48
FIGURA 9 – Página inicial do site	49
FIGURA 10 – Página dos perfis, com 6 personagens	52
FIGURA 11 – Modelo da página de um perfil	53
FIGURA 12 – Página onde estão hospedadas as reportagens de rádio	54
FIGURA 13 – Página da galeria de fotos	54
FIGURA 14 – Página do glossário, com palavras usadas pelos budistas	55
FIGURA 15 – Página de lugares onde praticar o budismo	56
FIGURA 16 – Organograma do site	57

SUMÁRIO

RESUMO	4
ABSTRACT	5
Lista de ilustrações	6
SUMÁRIO	7
INTRODUÇÃO	8
1 METODOLOGIA	11
1.1 Observação-participante	13
2 RELIGIÃO E BUDISMO	15
2.1 Surgimento do budismo	15
2.1 BUDISMO NO BRASIL	19
2.2 BUDISMO EM CURITIBA	23
3 BUDISMO NA MÍDIA	25
4 PERFIL	33
4.1 Perfil no jornalismo.....	33
4.2 Técnicas de entrevistas	36
4.3 Jornalismo Literário.....	40
5 JORNALISMO E WEB	42
5.1 Webjornalismo	42
6 O PRODUTO	47
6.1 Plataforma.....	47
6.2 Design.....	48
6.3 Acessibilidade e estrutura do site.....	49
6.4 Conteúdo produzido.....	50
CONCLUSÃO	58
REFERÊNCIAS	60
APÊNDICE	62
Relato de campo	62
ANEXO	64
Lista de reportagens:	64

INTRODUÇÃO

O budismo, além de ser uma religião¹, é também um sistema ético e filosófico que se originou na Índia há mais de 2500 anos. A filosofia foi criada por Siddharta Gautama, também conhecido como Buda, um guia espiritual para os seguidores. Estabeleceu-se no Japão por volta do ano 575.

A ideia central do budismo é que o ser humano está condenado a reencarnar infinitamente após a morte e passar sempre pelos sofrimentos do mundo material. Segundo essa ideia, o que a pessoa fez durante a vida será considerado na próxima vida e assim sucessivamente. A esse ciclo eles chamam de *karma* (carma). Para que esse ciclo possa ser interrompido, o ser humano deve enfrentar os sofrimentos da vida, para, assim, atingir a pureza espiritual, o que chamam de *nirvana*. As reencarnações também podem ocorrer em animais, por isso alguns seguidores decidem adotar a dieta vegetariana.

Para alcançar a pureza espiritual, o ser humano precisa livrar-se do desejo, pois este, segundo os budistas, é a origem da dor e, para combater essa dor, é preciso ter conhecimento. Por isso, livrar-se da ignorância é livrar-se da dor. A meditação é uma das formas de se livrar da dor e é o método mais conhecido e divulgado do budismo. Dessa forma, o público interpreta o budismo como apenas o exercício da meditação.

Difundido no Japão, o budismo chegou ao Brasil através dos imigrantes japoneses. Segundo IBGE (2010), o budismo é a sexta religião no *ranking* das 10 maiores religiões do país, com mais de 243 mil seguidores no Brasil.

Apesar desses números, o budismo não tem muito espaço na imprensa tradicional. Ao usar o termo budismo, muitas das reportagens já tratam do assunto como senso-comum e subentendido. Além disso, quase não há informações sobre o budismo praticado no Brasil. É possível observar a falta de abordagem dos meios de comunicação quanto ao assunto, como analisaremos neste trabalho. Como há

¹ Entre os próprios budistas há a discussão de se considerar o budismo como religião. Por não considerar a existência de um Deus, muitos acreditam que seja uma filosofia, porém outros dizem que a forma que o budismo se estrutura pode ser também considerado como religião.

poucas informações, os seguidores normalmente vão conhecer a prática por curiosidade ou por hereditariedade. Os locais de prática de meditação sobrevivem através de seus sites, blogs e páginas em redes sociais, onde marcam encontros, retiros e outras informações. Sendo assim, a experiência desses seguidores e a história do budismo na cidade de Curitiba serão o tema desse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que propõe como suporte a construção de perfis em um site, compondo um trabalho dirigido à web. A proposta é trazer conteúdo de forma que informe o público, por isso o uso do meio digital e da linguagem literária, criando empatia e, ao mesmo tempo, trazendo informação, além de inovar os produtos normalmente utilizados por estudantes de jornalismo da UFPR, realizando o trabalho inteiramente voltado para a web. A plataforma dispõe de muitas opções em usar as mais diferentes formas multimídia, alinhando-se com a forma atual do jornalismo, que é ajustar o mesmo conteúdo para vários formatos. O website produzido neste Trabalho de Conclusão de Curso seria uma forma de mídia alternativa, visando contribuir para a construção e uma maneira ampla de abordar o assunto. Além disso, é um trabalho que pode inovar no estudo do jornalismo, ao estudar a relação jornalismo e religião. A web permite, ainda, a vantagem de ser acessível, aumentando o alcance da informação e do trabalho produzido.

Este trabalho dá suporte técnico para a realização do produto final, a construção de perfis que serão publicados através de um *website*, o qual conterà formas multimídia que acompanharão os textos, escritos utilizando-se das técnicas do jornalismo literário. A escolha de um website deve-se ao fato de seu baixo custo, por ser uma nova forma de produção do jornalismo e também pela sua capacidade multimídia e acessível. Ao total serão seis perfis e, além disso, o site também trará informações como um glossário, como é a prática da meditação, galeria de fotos e os locais em que pode ser praticado.

O primeiro capítulo fala da metodologia utilizada para compor o trabalho. A pesquisa se qualifica como qualitativa e além de utilizar-se da pesquisa bibliográfica, também traz elementos da pesquisa etnológica ao trazer a observação-participante como parte do trabalho realizado. O segundo capítulo já aborda o budismo em geral, no Brasil e em Curitiba, falando sobre um pouco da história da religião, seu surgimento, a vinda através dos imigrantes e a influência e permanência aqui. No terceiro capítulo apresentamos uma análise do budismo na mídia. Como a

construção de perfis é o ponto principal do produto deste TCC, o terceiro capítulo sobre o perfil no jornalismo, técnicas de entrevistas e o uso do jornalismo literário. O quinto capítulo traz as características e a relação entre jornalismo e web, definindo os conceitos de webjornalismo. Por fim, o sexto capítulo abordará a construção do produto final deste trabalho.

1 METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho se baseia em pesquisa bibliográfica, com livros, sites e artigos para o embasamento teórico e maior aprofundamento do tema. O tipo de pesquisa é qualitativa e traz elementos de pesquisa etnográfica feita em comunicação, pois se dará a partir da observação e certa inserção dentro de um grupo social, que possui rituais e comportamentos próprios. A inserção será feita através da observação participante, que será explicada neste relatório. A base da pesquisa serão as entrevistas para a construção de perfis. As entrevistas serão realizadas em profundidade, seguindo as dicas contidas no livro “A arte de entrevistar bem” (OYAMA, 2008). A entrevista é o elemento base do jornalismo, traz interesse humano, atualidade, comprovação, originalidade e concisão para a reportagem. Para realizá-la o repórter precisa dialogar, ver, sentir, questionar, provocar, registrar, ouvir e discordar quando for preciso. Para realizar a entrevista é importante estar preparado, conhecer o assunto, saber perguntar, ter senso ao conduzir o assunto.

As entrevistas serão realizadas em lugares onde os entrevistados sintam-se à vontade, preferencialmente em suas casas, e serão gravadas com uma câmera e com gravador, para evitar falhas e também para que seja possível elaborar vídeos que acompanharão os perfis e deixarão o trabalho multimídia, como a plataforma de webjornalismo propõe. As entrevistas serão agendadas conforme a disponibilidade dos entrevistados.

Para as entrevistas, formulamos perguntas padrão que serão feitas a todos os entrevistados. Isso porque, por se tratar de perfis, serão perguntas que trarão conhecimento prévio sobre o entrevistado e que ajudarão na construção da conversa. Por se tratar de uma interação mútua, outras perguntas poderão surgir conforme a entrevista. As perguntas serão objetivas, a proposta é que o entrevistado traga as informações – por se tratar de suas próprias experiências. As perguntas servem para guiar a entrevista, pois o objetivo é mais ouvir a história que o entrevistado tem a contar para construir o perfil. A duração será em média de 30 minutos, pois não serão construídos perfis muito grandes. O tempo da entrevista será o necessário para conquistar o entrevistado e obter as informações e detalhes. Além da fala, também serão reparados movimentos, objetos e o próprio ambiente

que a entrevista será realizada, pois esses elementos também falam sobre o personagem e enriquecem a narrativa. A busca da empatia para minimizar e enfrentar qualquer problema durante a entrevista será um recurso utilizado, também como forma de deixar o entrevistado à vontade e confiar no repórter para falar.

A escrita dos textos que compõem o trabalho seguiu os padrões de perfil e de linguagem literária, conforme tratado no capítulo três. Por fim, foi feita a edição dos vídeos, a construção de uma reportagem especial em áudio e fotos, além de um glossário e uma lista de locais de prática em Curitiba. O material foi desenvolvido com o objetivo de que pessoas que não entendem do tema também possam se interessar e encontrar informações completas. Também foi realizada a construção de um website que suportará os produtos resultantes desse trabalho e que é a base do formato escolhido: o webjornalismo. Os capítulos abaixo tratam de assuntos fundamentais para a compreensão e desenvolvimento do produto deste TCC.

Usando essa metodologia, a proposta é desenvolver um material atual, acessível e simples para o leitor, mas que envolve uma produção com várias técnicas jornalísticas e usa elementos atuais e multimídia, envolvendo o desafio de formar um conteúdo jornalístico relevante, atraente e que consegue utilizar-se de várias mídias para abordar o assunto.

A escolha dos perfilados para a composição do produto final deste TCC foi feita através da técnica de observação-participante. Foram escolhidos seis personagens através de seus envolvimento dentro da comunidade e do tema abordados neste trabalho. Os seis entrevistados foram abordados pessoalmente, através de um convite para uma entrevista jornalística. Na entrevista, as questões abordavam o envolvimento dos personagens com o budismo, os motivos que os levaram a iniciar a prática da meditação e quais os resultados e impressões pessoais da experiência. As entrevistas e respostas foram utilizadas para compor os perfis.

1.1 Observação-participante

Como dito anteriormente, o trabalho jornalístico ao se dispor do contato com as fontes leva em conta um conhecimento prévio. No sentido de escrever perfis e características de pessoas ligadas a um certo fenômeno, no caso o budismo, é importante que haja algum contato, envolvimento com o assunto. Por isso, foi preciso a inserção do repórter, até para a escolha das fontes. Também por se tratar de um tema/objeto com valores humanos e religiosos, a pesquisa quantitativa não se encaixa. É preciso fazer um estudo com métodos que explorem melhor o assunto, como a pesquisa-participante, qualitativa.

Para essa inserção, usaremos a pesquisa-participante, definida por Cicilia Maria Krohling Peruzzo como a “inserção do pesquisador no ambiente natural de ocorrência do fenômeno e sua interação com a situação investigada” (PERUZZO, 2010, p. 125).

A pesquisa-participante divide-se em três modalidades: a observação participante, a pesquisa-participante e a pesquisa ação. Neste trabalho, a observação participante é a que melhor define a inserção do repórter. Segundo essa modalidade, o pesquisador se insere no grupo, participa de suas atividades, acompanhando e vivendo a situação. Porém, o investigador não é um membro do grupo, seu papel é apenas observar.

O pesquisador é autônomo, o “grupo”, ou qualquer elemento do ambiente, não interfere na pesquisa, no que se refere à formulação dos objetivos e às demais fases do projeto, nem no tipo de informações registradas e nas interpretações dadas ao que foi observado (PERUZZO, 2010, p. 134).

Os conceitos de pesquisa-participante foram descartados, pois o investigador, nesse caso, se compromete a retornar os dados da pesquisa e contribuir para o grupo. Os de pesquisa-ação não se encaixavam, pois o grupo interfere na realização do trabalho, participando na formulação do problema e dos objetivos. Além desse tipo de pesquisa servir para solucionar alguma dificuldade ou problema do grupo.

No caso deste trabalho, a participação ocorreu através da presença do investigador nas cerimônias da prática budista, aos sábados, às 19:30h na Praça do Japão, em Curitiba. A participação colaborou para o estudo e entendimento do

assunto, assim como para a observação dos praticantes que poderiam ser escolhidos para os perfis.

Essa inserção, porém exige cuidados. Isso porque o investigador pode acabar sofrendo influência e estando sujeito a transpor um subjetivismo que comprometa o estudo. Neste caso, o cuidado a ser tomado era não deixar o investigador sofrer influência ou se envolver emocionalmente, perdendo uma análise crítica do caso.

Apesar de todos os cuidados que se pressupõem sejam tomados por quem faz uma pesquisa participante – até em função da disponibilidade de técnicas nesse sentido -, esse fator é um dos pontos duramente criticados, justamente por ser considerado transgressor dos princípios de neutralidade e, conseqüentemente, comprometedor dos resultados (PERUZZO, 2010, p. 142).

Peruzzo ainda fala que, para que possa-se superar essa influência, o pesquisador deve ter uma definição clara do problema e dos procedimentos metodológicos corretos. Dessa forma, foi preciso sempre observar e ter claro que a participação no grupo serviria como base de escolha dos entrevistados.

A pesquisa participante, assim como outras modalidades de estudos qualitativos, se concretiza na coleta e análise de dados primários empíricos. Ela se ancora na integração entre o pesquisador e o grupo estudado e dessa relação é que depende a captação adequada dos dados. Ou seja, depende da capacidade do pesquisador em captar, compreender, interpretar e analisar (PERUZZO, 2010, p. 144). Ela ajuda no trabalho jornalístico para recolher informações. Neste trabalho, especificamente, ajudou ao investigador a ter contato com o tema e com os perfilados, para que a aproximação e o entendimento do tema fossem aprofundados, melhorando o trabalho a ser feito.

2 RELIGIÃO E BUDISMO

Neste capítulo abordamos a questão da relação entre os seres humanos e a religião. Também serão abordados a história e as propostas do budismo, essas informações servem de base para o conhecimento das informações que serão abordadas nesse trabalho.

2.1 Surgimento do budismo

O ser humano utiliza as religiões como forma de encontrar respostas para as perguntas sobre a própria existência. Desde muitos anos antes do cristianismo, os povos antigos tinham suas crenças e procuravam respostas. Como afirmam os autores de “O Livro das religiões”:

A necessidade de se orientar na vida é fundamental para os seres humanos. Não precisamos apenas de comida e bebida, de calor, compreensão e contatos físicos; precisamos também descobrir por que estamos vivos (GAARDER; HELLERN; NOTAKER, 2000, p. 2).

As questões existenciais são perguntas gerais e comuns, como quem somos, como surgiu o mundo, se Deus existe e o que acontece quando morremos. Os autores afirmam que essas perguntas surgem em qualquer época e em qualquer cultura. E são essas questões que formam a base de qualquer religião e por isso esta sempre esteve presente em todas as culturas.

O budismo se propõe a ser não só uma religião, como também uma filosofia. Sem cultuar um deus, é encarado como um sistema filosófico fundamentado nos ensinamentos de Buda, ou Siddharta Gautama, que nasceu no século VI a. C., em uma cidade ao norte da Índia, hoje território do país Nepal. O Budismo originou-se no fim do chamado Período Bramânico na Índia, concentrado entre os séculos IX e III antes de Cristo. Segundo a lenda budista (RINPONCHE, 2014), Siddharta era filho de um governante de uma província pertencente ao reino de Côssala, território que hoje é dividido entre a Índia e o Nepal. A lenda conta que Siddharta nasceu depois de um sonho de sua mãe Maya com um elefante branco que se dissolvia em seu útero e desde o seu nascimento já era considerado um menino especial.

Procurando uma forma de encontrar o esclarecimento espiritual que buscava, Siddharta decidiu meditar. Embaixo de uma figueira, nos arredores da vila de Gaia, perto da cidade indiana de Benares, iniciou uma meditação que duraria 7 dias e 7 noites. Após esse tempo, ele teria alcançado a iluminação espiritual após ter ultrapassado todos os sofrimentos, tornando-se um Buda. A partir de então, o Buda começou a discursar e percorrer toda a Índia pregando sua doutrina. Após a morte de Siddharta, o budismo se firmou como doutrina religiosa.

Siddharta agora se transformara num buda, ou seja, um "iluminado": alcançou a percepção de que todo o sofrimento do mundo é causado pelo desejo. É apenas suprimindo o desejo que podemos escapar de outras encarnações (GAARDER; HELLERN; NOTAKER, 2000, p. 52).

Todas as religiões são, em princípio, veículos para ajudar os seres humanos a se tornarem melhores, mais refinados e mais criativos. Enquanto para algumas religiões a prática principal é fazer orações, e para outras é a penitência física, no budismo a prática crucial é a transformação e a melhoria da mente (DALAI LAMA, 2011, p. 75).

Os ensinamentos do budismo têm como estrutura a ideia de que o ser humano está condenado a reencarnar infinitamente após a morte e passar sempre pelos sofrimentos do mundo material. O que a pessoa fez durante a vida será considerado na próxima vida e assim sucessivamente. Esta ideia é conhecida como carma. Ao enfrentar os sofrimentos da vida, o espírito pode atingir o estado de *nirvana* (pureza espiritual) e chegar ao fim das reencarnações.

Para os seguidores, ocorre também a reencarnação em animais. Desta forma, alguns decidem adotar uma dieta vegetariana.

Para Buda, um ponto de partida óbvio é que o ser humano é escravizado por uma série de renascimentos. Como todas as ações têm consequências, o princípio propulsor por trás do ciclo nascimento-morte-renascimento (*samsara*) são os pensamentos do homem, suas palavras e seus atos (carma) (GAARDER; HELLERN; NOTAKER, 2000, p. 54).

A filosofia é baseada nas "Quatro Nobres Verdades": a existência está relacionada à dor, a origem da dor é a falta de conhecimento e os desejos materiais. Portanto, para superar a dor deve-se antes livrar-se da dor e da ignorância. Ou seja, as verdades demonstram que tudo é sofrimento e que a causa do sofrimento é o desejo. O sofrimento só cessaria quando o desejo cessa e que isso se consegue

seguindo o caminho das oito vias. Em outras palavras: Buda faz primeiro um diagnóstico, mostrando que a condição do homem é de doença (primeira nobre verdade). Ele, então, indica a causa da doença (segunda nobre verdade). Afirma, no entanto, que a doença é curável (terceira nobre verdade), e por fim dá uma descrição detalhada de como a doença deve ser tratada, receitando uma cura de oito pontos (quarta nobre verdade) (GAARDER; HELLERN; NOTAKER, 2000).

Para livrar-se desse sofrimento, o homem precisa percorrer alguns caminhos, segundo o budismo. Primeiro ele precisa compreender a existência do sofrimento, depois entender por que sofre, transforma a situação que o coloca em sofrimento e segue o caminho que será o processo de transformação (RINPONCHE, 2014). Os caminhos que o homem deve seguir são: a compreensão correta, o pensamento correto, palavra, ação, modo de vida, esforço, atenção e meditação. A filosofia budista também define cinco comportamentos morais a seguir: não maltratar os seres vivos, pois eles são reencarnações do espírito, não roubar, ter uma conduta sexual respeitosa, não mentir, não caluniar ou difamar, evitar qualquer tipo de drogas ou estimulantes.

Com base em sua própria experiência, Buda acreditava que o homem deve evitar os extremos da vida. Não se deve viver nem no prazer extravagante, nem na autonegação exagerada. Ambos os extremos acorrentam o homem ao mundo e, assim, à "roda da vida". O caminho para dar fim ao sofrimento é o "caminho do meio", e Buda o descreveu em oito partes: (1) perfeita compreensão; (2) perfeita aspiração; (3) perfeita fala; (4) perfeita conduta; (5) perfeito meio de subsistência; (6) perfeito esforço; (7) perfeita atenção, e (8) perfeita contemplação (GAARDER; HELLERN; NOTAKER, 2000, p. 57-58).

De todos os caminhos apresentados, a meditação é considerada a mais importante para atingir o estado de *nirvana*. Por isso os budistas focam na prática como meio de ensinamento. Seguindo estes preceitos básicos, o ser humano conseguirá evoluir e melhorar o carma de uma vida seguinte. O objetivo da meditação seria acalmar e fazer com que a pessoa olhe para si mesma. Quando isso acontece, o budista perde todo sentido do tempo e do espaço, e todas as ilusões sobre "eu" e "meu" desaparecem. A iluminação é o ponto em que o budista atingiria uma compreensão perfeita das "quatro nobres verdades".

A comunidade fundada por Siddharta continuou praticando seus ensinamentos por um século, até que uma cisão dividiu a comunidade em dois grupos: a Escola *Theravada*, que continuava a pregar e preservar os ensinamentos do Buda, e a Escola *Mahayana*, que quis introduzir modificações e aperfeiçoamentos na doutrina. Da Escola Mahayana geraram-se outras doutrinas, como: a Bodhisattva, o Zen-Budismo e o Vajrayana.

Não muito depois da morte do Buda ocorreu uma divergência entre seus discípulos acerca da maneira como os ensinamentos dele deviam ser interpretados. Um século mais tarde (por volta de 380 a.C.) foi realizado um concílio. Como diversos monges expressaram o desejo de moderar a disciplina monástica, o encontro terminou numa divisão entre uma facção conservadora e outra mais liberal (GAARDER; HELLERN; NOTAKER, 2000, p. 68).

Dentre as divisões do budismo, o budismo tibetano e o zen-budismo, com raízes no Japão, são os mais conhecidos no ocidente. Devido à vinda de imigrantes japoneses, principalmente para o sul do Brasil, é que a prática do zen-budismo se desenvolveu. Curitiba é uma das cidades que recebeu o povo japonês e, por isso, tem influências da cultura. Os perfilados são pessoas que vivem em Curitiba e praticam o Zen-Budismo. A principal característica dessa escola budista é a prática do zazen, que é a meditação silenciosa e em posição de lótus². Os zen-budistas acreditam que através do zazen é possível alcançar a iluminação.

² O nome provém da flor de lótus, uma planta nativa da Ásia que nasce do lodo. Possui grandes folhas arredondadas e produz flores rosadas ou brancas, grandes e com muitas pétalas. No budismo, a flor de lótus simboliza o crescimento espiritual. Em muitas imagens de Buda, ele é representado sentado nessa flor, de modo que ela é considerada o seu trono.

2.1 BUDISMO NO BRASIL

No século XX, por meio dos imigrantes japoneses, o budismo chegou ao Brasil. Kasato Maru é considerado o primeiro navio que chegou ao Brasil com imigrantes japoneses, em junho de 1908, fruto de um acordo firmado entre os governos japonês e brasileiro. O navio aportou em Santos, com 165 famílias, que vinham para trabalhar nas fazendas de café do oeste paulista. A maioria desses imigrantes traziam em suas tradições a religião budista e, através dessa prática, havia o intuito de manter vivos os costumes, a língua materna e os valores culturais de seu país. Dentre os japoneses que viajaram naquele navio estava Genju Ibaragui, precursor da primeira instituição do Budismo japonês, do ramo Honmon-butsuryû-shû³, no país (USARSKI, 2002).

Os imigrantes masculinos japoneses eram os filhos mais jovens das famílias, pois, segundo a regra de primogenitura no Japão, o primeiro filho é quem herda toda a propriedade da família, assim como a responsabilidade de cuidar da casa e manter os antepassados. Por isso, os irmãos mais jovens deixaram o país para buscar uma situação de vida melhor. Como eram muito jovens, não trouxeram as cerimônias religiosas consigo, além disso, o governo japonês proibiu os monges de virem ao Brasil, pois a presença deles poderia demonstrar que os japoneses não estavam aptos a assimilar a cultura brasileira (ROCHA, s. d.).

Com a derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial⁴, os japoneses enfrentaram uma grande crise de identidade, decidindo mudar sua permanência no Brasil de temporária para permanente. Diante disso, vários templos começaram a aparecer.

Mais ou menos simultaneamente ao êxodo rural e à criação de colônias japonesas em algumas cidades, especialmente na capital de São Paulo, todas as correntes religiosas, até então representadas quase que exclusivamente por leigos e sua prática informal, manifestaram-se oficialmente no Brasil, com o apoio das organizações matrizes no Japão. Já em 1952, a escola Otani do ramo Jôdo Shinshû ergueu seu primeiro templo no país. Um ano

³ Escola budista do ramo Nichiren, que é um conjunto de escolas que seguem o ensinamento de Nichiren, monge que viveu no Japão no século XIII.

⁴ A derrota do Japão aconteceu após os ataques dos Estados Unidos, que lançaram duas bombas nucleares nas cidades de Hiroshima e Nagasaki.

depois o Jôdo-Shû começou a lançar suas atividades oficiais. Ainda um ano mais tarde, a segunda escola principal do Jôdo-Shinshû, a Honpa, inaugurou sua sede nacional. Seguiram-se, a partir de 1955, as correntes do Zen, do Nichiren e do Shingon (USARSKI, 2002, p. 4-5).

Os japoneses adotaram, então, uma nova prática: o filho mais velho ficava em casa, aprendia a profissão do pai, a língua e uma religião japonesa. Os filhos mais novos iam para a escola, não eram fluentes em japonês e convertiam-se ao catolicismo romano (ROCHA, s. d.).

Com o fim da guerra, os japoneses começaram a enviar missionários para o Brasil para pregar o budismo. O monge que havia chegado junto com os imigrantes no navio, estabeleceu o templo mais antigo em Bauru, São Paulo. Em 1925, um monge da escola Shingon chegou e em 1932, Jodo Shinshu estabeleceu o primeiro templo budista brasileiro em Cafelândia, São Paulo.

Zengen-ji foi o primeiro templo Soto Zenshu Zen budista no Brasil. Construído no início dos anos 50 em Mogi das Cruzes, uma cidade próxima da Cidade de São Paulo, Zengen-ji foi construído com capitais do Soto Zenshu japonês e a ajuda da comunidade japonesa que vivia em sua vizinhança. O templo de Busshin-ji foi construído em 1955 na Cidade de São Paulo para ser a sede da escola de Soto Zenshu no Brasil. Foi também construído com capitais de comunidade japonesa e capitais da Sotoo Zenshu. Estes dois templos, junto com o templo em Rolândia no estado do Paraná, serviu para a comunidade japonesa brasileira por três décadas. Durante este tempo, seu trabalho missionário incorporou 3.000 famílias como praticantes (ROCHA, s. d., s. p.).

Em 1955, a Comunidade Soto Zenshu budista da América do Sul foi oficialmente reconhecida pelo governo brasileiro. No mesmo ano, foi fundada a Sociedade Budista do Brasil por um brasileiro de origem não japonesa, Murillo Nunes de Azevedo, no Rio de Janeiro. Azevedo era professor da PUC-RJ, onde ensinava filosofia do Extremo Oriente, e foi o primeiro brasileiro interessado em estudar budismo como um sistema filosófico e artístico.

A Sociedade Budista do Brasil organizou conferências e exibiu filmes sobre budismo provido pelas embaixadas da Índia e do Sri Lanka.) Em 1961, Azevedo traduziu a Introdução do budismo Zen de D.T.Suzuki para o português. Porém, o interesse massivo pelo Zen e pelo budismo por brasileiros não japoneses não aconteceu até os anos 90 (ROCHA, s. d., s. p.).

Os brasileiros de descendência não japonesa começaram a buscar o budismo Zen no início dos anos 70, com a abertura dos templos aos não japoneses. Em 1985, o Centro de Estudos Budistas foi criado em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, incluindo várias escolas do budismo.

Atualmente, existem vinte e três centros e templos Zen budistas, três monastérios Zen budista, trinta e quatro centros Tibetanos, sete centros de Theravada, trinta e sete templos Nishi Hongwanji (Jodo Shinshu) e vinte e duas associações (onde não existe nenhum monge de residente), vinte e seis templos e associações Higashi Hongwanji (Jodo Shinshu), dois templos de Jodoshu, quatro templos de Nichireshu (com 5.000 famílias de praticantes) doze templos Honmon Butsuryu Shu (um ramo do Nichiren), e quatro templos de Shingon (com 850 famílias de praticantes) no Brasil. O budismo de tibetano, que foi o mais recente a chegar (1988), está sofrendo uma expansão semelhante a que está acontecendo no Ocidente.

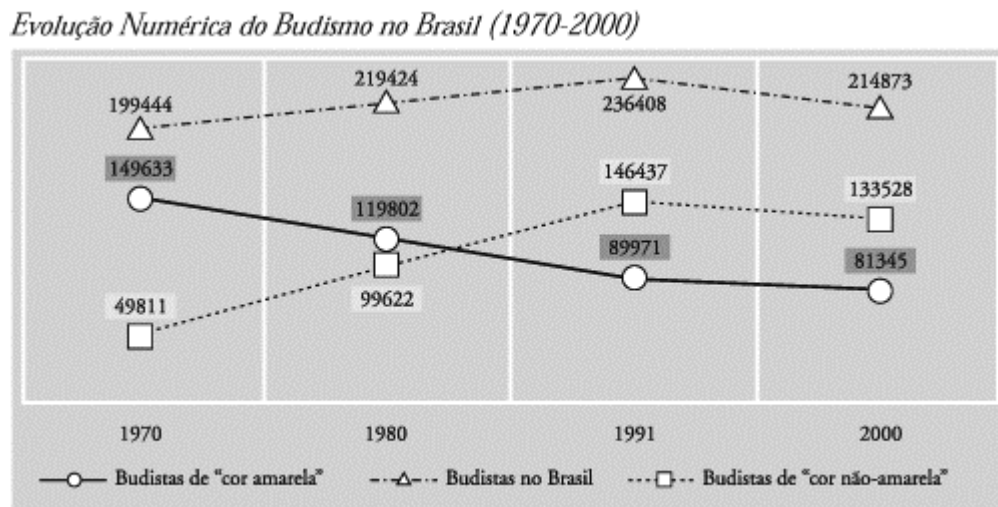
O budismo é mais visto como um “estilo de vida” do que uma religião pela maioria dos brasileiros. O budismo Zen é frequentemente visto como uma meditação que ajuda a aliviar a tensão do dia a dia. (ROCHA, s.d., s. p.).

Na cidade de Cotia, em São Paulo, está localizado o Templo Zu Lai, o maior templo da América Latina. Já a comunidade do templo Honpa é considerada numericamente predominante (USURKI, 2002, p. 8).

Para incorporar o budismo no Brasil, foi preciso incluir estratégias de adaptação, como a tradução dos textos. Mesmo que traduzidos, os textos ainda são cantados em ritmo japonês e os centros Zen brasileiros produzem materiais escritos em português que discutem e explicam os ensinamentos, além de transcrever palestras dadas pelos mestres ou monges (ROCHA, s.d.). Contudo, esse material ainda é deficitário e não atinge o público que está fora das práticas, e, apesar de terem blogs e sites, a comunicação das comunidades budistas é feita pelos próprios monges.

A necessidade dos japoneses em incorporar-se à cultura brasileira fez com que o número de budistas de cor “amarela” caísse, enquanto os esforços de abrir o budismo para os não japoneses fez com que o número de budistas não japoneses

aumentasse, como é possível ver na comparação dos dados do IBGE realizada por Frank Usarski (2008):



Fonte: IBGE.

FIGURA 1 – Tabela mostra a evolução numérica do budismo no Brasil de descendentes e não descendentes de imigrantes asiáticos. FONTE: USARSKI, 2008, p.

Apesar de grande parte da comunidade japonesa no Brasil ter adotado o catolicismo romano como uma forma de ser aceita no novo país, muitos brasileiros de descendência não japonesa têm aderido recentemente ao budismo. Para estes brasileiros de origem não japonesa, a prática principal do Zen budismo envolve meditação (*zazen*) e retiros (*sesshin*).

As informações trazidas aqui nos ajudam a entender como o budismo chegou ao Brasil e conquistou adeptos ocidentais, além das práticas mais adotadas por esses novos seguidores. Assim, podemos já ter uma breve noção de como o budismo é praticado em terras brasileiras e como uma forma de nos aproximar do comportamento dos perfilados, além de contribuir para o entendimento do tema estudado.

2.2 BUDISMO EM CURITIBA

Em Curitiba os imigrantes japoneses e seus descendentes (*nikkeis*) começaram a chegar por volta do ano de 1915 e procuraram se organizar em comunidades (KOJIMA, 1991). Hoje é um dos povos com grande representatividade na sociedade curitibana, sempre buscando, ao longo dos anos, preservar hábitos e costumes de seus antepassados. Uma evidência disso são os festivais japoneses que acontecem na cidade, como o Hana Matsuri⁵. Uma das maneiras de se manterem ligados à tradição japonesa é a religião.

O budismo foi fundado em 1962 na capital paranaense. Os números de japoneses budistas decaem conforme a geração. A primeira geração (*issei*) tinha 52% de budistas, na segunda geração (*nissei*) são apenas 18% e na terceira geração (*sansei*) são apenas 7%. Esse decréscimo é explicado pela conversão ao catolicismo, o que não quer dizer que os japoneses tenham abandonado as práticas budistas (KOJIMA, 1991).

Segundo dados do site Prefeitura Municipal de Curitiba⁶, os japoneses chegaram a partir de 1915, com a vinda de Mizumo Ryu. Em 1924, deslocaram-se para cá em maior número e se fixaram na cidade e redondezas, principalmente nos bairros Uberaba, Campo Comprido, Santa Felicidade e o município de Araucária. A cidade possui vários locais onde se pode praticar os ensinamentos do budismo, dentre eles destaca-se a comunidade Zen Budista de Curitiba, localizada na Praça do Japão. No local, além das atividades religiosas, há também as atividades ligadas à cultura japonesa, como aulas para aprender a cerimônia do chá⁷. Além disso, há também o Centro de Estudos Budistas Bodisatva (CEBB), no alto da Rua XV de Novembro, que promove encontros e palestras com vários mestres budistas, de diferentes linhagens budistas e a Sociedade Cultural e Beneficente Nipo-Brasileira de Curitiba.

⁵ Festival das Flores e Natal Budista do Paraná. Têm atrações como danças tradicionais e outras demonstrações da cultura e gastronomia oriental.

⁶ Disponível em <http://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/historia-imigracao/208>. Acesso em: 13/09/15.

⁷ É uma atividade tradicional japonesa com influências do Zen Budismo, na qual chá verde em pó é preparado cerimonialmente e servido aos convidados.

Em Curitiba a imigração japonesa é bastante lembrada. Além da Praça do Japão e o recém-construído Memorial da Imigração Japonesa, na entrada da cidade, também acolhe festividades no calendário como o *Hana Matsuri*, o Natal Budista e o *Haru Matsuri*, que comemora o início da primavera, demonstrando a força e a importância dessa comunidade na sociedade curitibana. Segundo Kojima (1991), são 3.395 famílias japonesas que residem na cidade de Curitiba.

Os budistas perfilados serão pessoas que praticam o zen-budismo na Praça do Japão, em Curitiba. Através da observação-participante foram escolhidas pessoas que tem certa frequência dentro da comunidade. Os monges não foram escolhidos, pois o objetivo era entrevistar leigos, pessoas que o público se identificaria. Foram escolhidos seis personagens, todos frequentam a meditação há algum tempo. O primeiro entrevistado foi Kaio Shimanski. Ele é atendente de um restaurante vegano, tem 23 anos e começou a frequentar a Comunidade Zen-Budista de Curitiba desde que tinha 20. Déborah Cividanes foi a segunda entrevistada. Psicanalista, tem 48 anos e pratica a meditação há dois. Em terceiro foi a professora aposentada Ilse, de 58 anos, que frequenta a prática há três meses. O quarto entrevistado foi Fábio Vieira, administrador de empresas, tem 29 anos e participa da comunidade desde 2008. Cesar Kohl completou um ano de meditação e é o quinto entrevistado. Trabalha como *freelancer* e tem anos. Por último, a advogada Bruna é a sexta entrevistada, ela tem 32 anos e participa das meditações há 4.

Todas essas pessoas têm um ponto em comum, a prática regular de meditação na Comunidade Zen-Budista de Curitiba. Apesar deste ponto, cada uma tem a sua história, envolvimento e interesse na prática. São pessoas comuns, que adotaram a prática da meditação em seu dia a dia e o objetivo deste trabalho é contar a história de cada uma.

3 BUDISMO NA MÍDIA

O budismo não costuma ser um assunto muito abordado pelas mídias tradicionais. Ou, quando abordado, é feito de maneira superficial, com tratamento exótico. Para analisar a abordagem e a presença do budismo como tema de reportagens em meios de comunicação tradicionais foi feita uma análise em três jornais reconhecidos e destacadas as reportagens que usavam a palavra 'budismo'.

Analisando materiais jornalísticos produzidos sobre o budismo no Brasil, é possível fazer uma análise das reportagens. Para isso, foi realizada uma pesquisa de reportagens nos sites de dois dos maiores veículos do país (Folha de S. Paulo, Estadão) e do jornal de maior circulação no Paraná (Gazeta do Povo). O termo utilizado para fazer a busca nos sites foi 'budismo' e o período analisado foi entre maio e setembro de 2015. No total, foram encontradas 43 reportagens. No site da Folha de S. Paulo, foram 27. No Estadão 7 e na Gazeta do Povo 9.

No Estadão apenas 7 resultados foram encontrados. A maioria relaciona o budismo com pessoas públicas ou histórias de pessoas que se interessaram pelo budismo. Mas faz apenas uma citação da palavra, sem aprofundamentos. Duas fazem menção ao líder do budismo tibetano Dalai Lama, falando mais sobre sua aparição em um festival. A única matéria que se aprofunda mais sobre o tema é um perfil sobre um geneticista que virou monge e hoje estuda sobre o altruísmo. O perfil é bem construído, fala da vida, da prática de meditação e dos estudos do monge.

ESTADÃO | POLÍTICA + ECONOMIA + INTERNACIONAL + ESPORTES + SÃO PAULO

Aliás

Pro dia nascer feliz

MÔNICA MANIR - O ESTADO DE S. PAULO
23 Maio 2015 | 10h 00

Geneticista que virou monge, Matthieu Ricard junta ciência com espiritualidade para defender que o altruísmo genuíno existe - e faz bem

Há que se ter uma paciência de Buda, pensei eu, para tentar convencer as pessoas de que o altruísmo existe. Nem diante de um compêndio de 700 páginas, que compila mais de mil pesquisas científicas e rastreia um bocadinho de histórias de bem-querer. Nem diante de fotos de animais fazendo malabarismo para ajudar outro de espécie diferente. Nem diante de um homem aparentemente despojado de si e cunhado como o mais feliz do mundo. Nem assim a plateia parece 100% confiante na hipótese de um ser fazer algo por outro sem esperar algo em troca. Paíra no ar um "Come on, Matthieu!". "Ces't impossible, Matthieu!". Ou, em bom ceticismo local: "Duvideodô, Matthieu".



Privilégio: uma das fotos da série tirada por Matthieu da janela do seu quarto

FIGURA 2 – Reportagem “Pro dia nascer feliz”, no caderno Aliás, do jornal Estadão. FONTE: www.estadao.com.br

A ferramenta de busca do site do jornal Gazeta do Povo mostra mais do que 9 resultados, mas esse é o número de reportagens que de fato citam a palavra. Isso porque há um blog dentro do jornal chamado “Tubo de Ensaio”, em que a palavra budismo é usada como uma das seções do blog e acaba mencionada em reportagens que não abordam o tema. Em quatro, das nove reportagens, o budismo é retratado como assunto de turismo. É mencionado em materiais que falam sobre turismo na Índia, na China e no Japão. Duas destas quatro falam sobre a Índia e a única que fala um pouco sobre o budismo, mais do que apenas citar a palavra, como as outras, é a abaixo:





Rituais noturnos à beira do Ganges são experiência única na Índia

ROTEIROS

O que fazer na Índia

26/09/2015 | 13h45 | Carolina Pompeo

Veja também

-  Turismo que anda com fé movimentou 17 milhões de pessoas no Brasil
-  À beira do Ganges, autoconhecimento

Rituais noturnos em Varanasi

Essa é uma das cidades mais antigas do mundo – estudiosos consideram que ela tenha surgido há mais de três mil anos – e uma das sete cidades sagradas do Hinduísmo. O nascer do Sol à beira

do Ganges e os rituais religiosos noturnos realizados em suas águas são testemunhados por milhares de pessoas todos os anos. A cidade ainda é atrativa para estudantes de escrituras, sânscrito e do Hinduísmo.

Passos do Buda

Roteiro clássico que percorre o Norte da Índia e o Nepal refazendo os passos de Sidarta Gautama, O Iluminado – ele nasceu príncipe, renunciou à realza e dedicou a vida a descobrir o que causava sofrimento e a libertação do homem. O caminho passa por Taulihawa, cidade do Nepal onde Buda Nasceu; Dharamsala, onde hoje vive Dalai Lama; Bodhgaya, local da iluminação do mestre; Varanasi e Sarnath, cidade berço do **Budismo** como religião, onde Buda transmitiu seus primeiros ensinamentos.

Serviço

Via Índia Viagens Especiais

Site: www.viaindia.com.br
www.facebook.com/viagemindia

Contato: (41) 3039 7916 / (41) 9883 6647

Osho International Meditation Resort

Osho é considerado um dos líderes espirituais mais controversos de todos os tempos e seu ashram é incomum: considerado liberal pelos padrões indianos, com atividades que vão desde meditação e terapias à artes, dança e expressão corporal. Como o nome diz, o local é um Resort de Meditação, com acomodações luxuosas e confortáveis, amplos jardins, e estrutura impecável.

A Osho Multiversity oferece workshops de curta duração, cursos de formação em dezenas de terapias alternativas e programas de trabalho para longas estadias.

FIGURA 3 – Reportagem “O que fazer na Índia”, do caderno Vida e Cidadania do jornal Gazeta do Povo.

A reportagem fala sobre destinos turísticos na Índia e, entre eles, um roteiro entre o caminho feito por Buda. Nesta parte, a reportagem chega a explicar um pouco da história de Siddharta.

Outras notícias que chamam a atenção e envolvem o budismo são duas matérias de denúncias. A primeira é sobre um monge de um templo na China que seria acusado de extorsão e por manter uma vida secreta com amantes. A matéria é uma reprodução de uma reportagem do jornal The New York Times.

CHINA

Denúncia mancha reputação de monge

Extorsão e imoralidade envolvem um mosteiro

Adam Dean/The New York Times



Alunos de kung fu na Escola Shaolin Tagou, centro de treinamento próximo ao Templo Shaolin em Dengfeng, China, em 2014

17/08/2015 | 22h00 | Andrew Jacobs The New York Times

O incenso vaga entre os cedros. Monges com vestes cor de açafão e movimentos ágeis enfrentam inimigos imaginários. O som de um sino de bronze chama os fiéis à oração.

Essa é uma cena comum no Templo Shaolin, berço do kung fu e do zen-budismo nas florestas da província de Henan, no centro da China, onde, segundo a lenda, monges se dedicam às artes marciais há séculos.

No entanto, hoje grande parte do país está chocada com as denúncias de que o mestre Shi Yongxin, conhecido como o “Monge Executivo” da China por transformar o Shaolin em um império comercial global, é um estelionatário e um homem imoral que secretamente teve filhos com duas de suas amantes, apesar do voto de celibato.

FIGURA 4 – Reportagem “Denúncia mancha reputação de monge”, no caderno Agronegócio do jornal Gazeta do Povo. FONTE: www.gazetadopovo.com

Em outra reportagem internacional, o budismo é tema de uma crise humanitária. Segundo a notícia, budistas extremistas estariam expulsando a minoria muçulmana de Mianmar.



Imigrantes rohingya em porto na Indonésia. muçulmanos também sofrem perseguição religiosa.

ÁSIA

Budismo radical está por trás de crise humanitária

Perseguidos por monges que pregam “pureza racial”, islâmicos da etnia rohingya são lançados ao mar em Mianmar

RIO DE JANEIRO
23/05/2015 | 12h24 | AGÊNCIA O GLOBO
Texto publicado na edição impressa de 24 de maio de 2015

109 5 2 Comentários (1)

Abandonados em barcos, membros de uma minoria muçulmana expulsa de Mianmar por monges radicais são personagens centrais de uma crise humanitária que põe à deriva o senso comum de que o budismo está sempre associado ao pacifismo. Milhares de homens, mulheres e crianças rohingyas teriam sido impelidos para o alto-mar e carregados por meses em barcos de pesca, com pouca água e comida, por extremistas budistas no país do Sudeste Asiático.



Protesto contra a perseguição à minoria rohingya na Malásia.

Budistas brasileiros dizem que violência é contra a doutrina

As imagens de naufragos da etnia rohingya não aceitos por países como Indonésia e Malásia põem em evidência recentes trabalhos acadêmicos que estudam a violência no budismo. Especialistas avaliam que, embora textos da religião preguem a não violência, a agressividade é frequente.

“Trata-se mais de propaganda que o budismo é relacionado ao pacifismo. A mídia ocidental e Hollywood têm nos alimentado de uma imagem tranquila, mas o budismo é tão propenso à corrupção como qualquer outra religião”, diz Sufian bin Uzayr, escritor especialista em assuntos religioso que vive na Índia.

Para Uzayr, a principal causa do atual embate é um discurso a favor de uma pretensa pureza racial. “Eles (extremistas de Mianmar) sequer chamam o rohingya de ‘rohinova’. mas de ‘benaalês’.

FIGURA 5 - Reportagem “Budismo radical está por trás de crise humanitária”, no caderno Mundo do jornal Gazeta do Povo.

A notícia traz um ponto interessante: um box com opiniões de brasileiros budistas, que dizem que a violência não é característica dos praticantes. As outras matérias que citam o budismo no jornal falam sobre educação e saúde. Enquanto

uma é um artigo de opinião de uma professora sobre o debate de religiões na escola, outra traz dicas de “encarar melhor a solidão”, com uma frase de um monge.

No site do jornal Folha de S. Paulo, a busca resultou em 27 reportagens. A maioria dos resultados segue a linha das reportagens dos jornais anteriores, apenas cita superficialmente a palavra budismo, ou ligam a personalidades, falam sobre lançamentos de livros, falam sobre o Dalai Lama ou ainda debates sobre religião na educação e religião e assuntos do dia a dia, como a intolerância e a escolha do trabalho. As reportagens seguem com a prática do senso comum, apenas citam a palavra budismo. Apenas três têm aspectos interessantes.

Uma delas fala sobre um roubo de uma múmia de um monge que pertencia a um vilarejo na China e, depois de 20 anos, foi encontrada em Budapeste. A reportagem não abrange muito sobre o budismo, descreve mais a cena inusitada e faz menção à uma estátua de Buda, apenas. Outra é um texto da coluna do jornalista Zeca Camargo para o jornal, falando sobre uma viagem a Mianmar. No texto ele chega a citar alguns sinos usados pelos budistas, mas não passa disso.

A reportagem que merece destaque traz uma entrevista, em formato ping-pong, com o mesmo monge perfilado pelo Estadão. O monge, que deixou os estudos científicos, agora alinha suas práticas budistas com servir de cobaia de estudos sobre altruísmo e os “poderes” da meditação. Como a reportagem traz um ping-pong, abre espaço para ele falar sobre ensinamentos budistas. Apesar de deixar a reportagem com tom de saúde e bem-estar, não tratando muito do ponto da religião, através das respostas do monge é possível perceber algumas ideias do budismo.

equilíbrio e saúde

É possível treinar o cérebro para ser feliz, diz monge francês especialista em biologia molecular

FERNANDA MENA
DE SÃO PAULO

17/05/2015 © 02h29

Compartilhar     < 28 mil  OUVIR O TEXTO  Mais opções

Dizem que a felicidade não se compra (apesar de muita gente duvidar disso). Os experimentos científicos de que o monge budista Matthieu Ricard participou, no entanto, introduzem uma nova máxima: é preciso treinar o cérebro para ser feliz.

Há 40 anos, o francês abandonou a carreira como doutor em biologia molecular e se mudou para a região do Himalaia, onde virou monge. Nos últimos 15 anos, reconciliou ciência e meditação ao virar cobaia de uma série de estudos que investigam os efeitos da meditação, da compaixão e do altruísmo no cérebro.

PUBLICIDADE

folhashop

Microondas Braastemp ...
à vista
R\$ 658,00

We-Met



FIGURA 6 – Reportagem “É possível treinar o cérebro para ser feliz, diz monge francês especialista em biologia molecular”, no caderno Equilíbrio e Saúde do jornal Folha de S. Paulo

Ao analisar essas publicações é possível ver que o budismo raramente é a pauta principal nos meios de comunicação tradicionais, e, quando é abordado, normalmente é citado como senso comum, ou apenas a palavra budismo é citada por um entrevistado, sem maiores aprofundamentos sobre o tema. Podemos ver uma tendência dos meios em tratar o tema budismo como bem-estar, saúde e turismo. Demonstrando que os meios quando não acham que o budismo está relacionado com esses assuntos, é algo exótico. Há muita superficialidade.

Quando ganha grandes manchetes, ainda assim o assunto tratado ainda é mais sobre a cobertura de um assunto polêmico ou casos estranhos, como as destacadas matérias sobre os budistas radicais, a múmia do monge e a denúncia de extorsão de um monge. Com isso, percebemos uma clara falta de informação e busca de aprofundamento do tema, quando pesquisamos fora dos meios de

comunicação, a única forma de informação que achamos é através dos sites de templos e comunidades muitas vezes atualizados por membros ou monges, sem um trabalho jornalístico.

4 PERFIL

“O perfil é um gênero jornalístico. Sem o literário, no entanto, o perfil não hipnotiza.”

Sergio Vilas Boas, 2003.

A proposta desse TCC é a criação de um website que traga informações sobre o budismo. Optou-se pela criação de perfis como forma de atrair o leitor, criar empatia e uma forma leve de trazer informações através da experiência, além de manter a atividade jornalística de contar histórias. Neste capítulo será abordada a definição de perfil, bem como a prática da entrevista – necessária para compô-los – e o jornalismo literário, linguagem usada para a escrita dos perfis.

4.1 Perfil no jornalismo

A lógica jornalística da pirâmide invertida, com os leads e subleads não se encaixam no perfil. Para escrever um perfil, é preciso levar em conta as impressões, sentimentos, opiniões e até mesmo o ambiente. É por isso que ao se escrever um perfil, usa-se a linguagem do Jornalismo Literário.

Os jornais e revistas começaram a apostar nos perfis em 1930. Há pelo menos dois séculos eles já apareciam ocasionalmente. Os perfis se tornaram marca registrada em revistas importantes, como a *Esquire*, *Vanity Fair*, *The New Yorker* e *Life*. No Brasil, “O Cruzeiro” e “Realidade” utilizaram-se muito do perfil em suas matérias. Os perfis não eram somente de famosos, o jornalista Joseph Mitchell, contratado pela *New Yorker*, perfilava também índios, operários, pescadores e agricultores.

A revista “Realidade” destacou-se pelos perfis que publicava. Os textos carregavam características como: imersão total do repórter no processo de captação; jornalistas eram autores e personagens da matéria; dedicavam-se em escrever detalhes reveladores; descreviam o cotidiano; uso de frases sensíveis; valorização dos detalhes físicos da pessoa e suas atitudes; estímulo ao debate e os repórteres, escrevendo em primeira pessoa, reconheciam as dificuldades que é compreender a personalidade humana. Os repórteres utilizavam-se de diálogos para humanizar a matéria. Dessa forma, podiam mesclar o cotidiano do entrevistado,

como suas opiniões sobre temas contemporâneos. Essa mescla contribuía para a construção de um retrato nítido e literário do indivíduo.

Vilas Boas (2003) define o perfil como uma narrativa curta. Diferentemente das biografias, os perfis não se dedicam a cada detalhe e da história de vida do biografado, mas sim a focar em alguns ou um determinado momento da vida da pessoa. Além disso, Vilas Boas define o perfil como uma obra autoral. E, como tal, passa por processo de criação. Nesses processos combinam-se memória, conhecimento, imaginação, sínteses e sentimentos. Para o autor, a narrativa do perfil conta com esses processos, além de recursos literários e técnicas de reportagens, mas não pode ser fria e distante. A frieza e o distanciamento são altamente nocivos.

O perfil deve cumprir o papel de gerar empatia. É a empatia que irá gerar o interesse com a vida do outro e provocar sensações, a tentativa de sentir o que sentiria se estivesse na mesma situação. Distanciar-se coloca em risco a produção do texto, podendo ser apenas uma mistura de fatos biográficos e frases do personagem. Ainda segundo o autor, existe uma série de fatores que podem atrapalhar o processo de pesquisa e redação de um perfil: a entrevista pode não ter sido empolgante e cabe ao jornalista decidir se desiste, tenta mais uma vez ou usa o material; o tempo de digerir as leituras, percepções e insights normalmente é curto, por isso muitas ideias interessantes podem escapar, o que é normal; o espaço não pode ultrapassar poucas páginas; aproveita-se apenas uma pequena parcela de toda a apuração; o problema da dimensão do personagem, o importante é ouvir o que ele tem a dizer; o estímulo à invasão de privacidade; preconceitos ou ignorância em relação ao personagem; choque de interesses, não se escreve perfil para ridicularizar e a crença na genialidade inata.

Retornando à definição de perfil, Weinberg (1992) define como biografia de curta duração; Oswaldo Coimbra de reportagem narrativo-descritiva de pessoa; Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari chamam de perfil o texto que enfoca no protagonista de sua história de vida e miniperfil de uma personagem secundária inserido em um corte na narrativa principal. Ou seja, o principal de um perfil é o personagem e sua história. No jornalismo convencional muitas vezes o indivíduo é apresentado apenas abstratamente. Como define Edwaldo Pereira Lima:

Apresenta-o (o indivíduo) através de coisas, números, dados sociais, achando que essas características externas, objetivas, constituem uma pessoa. Mas o protagonista só o é porque tem alguma coisa a dizer de dentro, não de fora. Em geral, o jornalista ilustra o fato com a historinha de alguém. No entanto, o que se quer na boa reportagem é encontrar o protagonista que vai irradiar o contexto sociocultural, as raízes históricas de um fato. O repórter encontra o protagonista de uma matéria por meio de sua própria impregnação na experiência humana (LIMA, 2003 apud VILAS BOAS, p. 18)

Os perfis acabam sendo mais atraentes quando provocam reflexão sobre a existência humana. É isso que prende o leitor e marca um perfil na memória, não será a história em si, mas os pensamentos que ela gera que se conserva. (VILAS BOAS, 2003, p. 20). Outros recursos que podem ser usados são os atos e reações que o personagem deixa transparecer. Eles dão pistas de como descrever a pessoa, o que ela faz e como faz.

Atualmente pouco se vê perfis que utilizam recursos literários. Conforme explica Vilas Boas (2003), isso se deve a redução do número de jornalistas nas redações, os orçamentos muito curtos para reportagens especiais, além da falta de tempo para investigar e de espaço para aprofundar. Esta é uma das justificativas e propósitos deste TCC: utilizar os perfis para aprofundar uma história pouco abordada em profundidade nos meios de comunicação, assim como reviver um gênero jornalístico que já não é mais tão utilizado. É claro que, para a construção dos perfis, será preciso usar uma velha técnica jornalística: a entrevista.

4.2 Técnicas de entrevistas

Para a composição dos perfis, é preciso desenvolver uma das técnicas primordiais do jornalismo: a entrevista. É através dela que apuramos a informação do entrevistado, pois as fontes e as experiências relatadas contribuem para a realização da reportagem. Como define Nilson Lage:

A entrevista é o procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo. É uma expansão da consulta às fontes, objetivando, geralmente a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos (LAGE, 2002, p. 73).

Os tipos de entrevistas a serem realizadas serão as que Lage define como testemunhal e em profundidade. A testemunhal trata-se do relato do entrevistado, incluindo suas impressões de algo que ele participou, sendo totalmente feita através do ponto de vista do entrevistado, com suas interpretações. E a em profundidade por se tratar não somente do tema, mas a figura do entrevistado e a representação do mundo que ele constrói, com o objetivo de escrever o perfil do personagem através do seu depoimento.

Quanto às circunstâncias das entrevistas, elas serão dialogais. Isso porque elas serão feitas pessoalmente com perguntas e respostas, como se fosse uma conversa. As entrevistas foram marcadas com antecedência, com o entrevistador e o entrevistado em um ambiente propício, sem intervenções.

Na questão da apresentação da entrevista, a forma de tratamento será a de perfil, como já citado. Lage (2002) explica que, para esse tipo de tratamento, é preciso que sentenças mais gerais presidam outras mais específicas. As declarações do entrevistado costumam ser documentações das afirmações genéricas do repórter.

As fontes são essenciais para o trabalho jornalístico, é através delas que conseguimos informações. É tarefa comum dos repórteres selecionar e questionar essas fontes, colher dados, e depoimentos, situá-los em algum contexto e processá-lo segundo técnicas jornalísticas (LAGE, 2002). O trabalho com as fontes neste trabalho é ainda mais essencial, pois a construção da reportagem como perfil é

baseada nos relatos e experiências dos personagens, sendo imprescindível o uso da entrevista para a composição do produto final deste TCC.

No primeiro modelo de comunicação, proposto por Shanon e Weaver (1949), o emissor era responsável pela mensagem que transita por um canal em um código até o receptor. Porém, na realidade, o que acontece é que entre o fato e a versão jornalística divulgada, há um processo de percepção e interpretação, que é a essência da prática jornalística.

Já o modelo criado por George Gerbner (1956), coloca como prioridade essa função de representar subjetivamente a realidade. Pois a percepção da realidade pode se transformar conforme o entendimento de quem vê e de quem ouve. Esse ciclo de transformações começa com a fonte, que formula uma representação da informação. Assim, o repórter interpreta essa representação da sua forma e o leitor também terá sua própria representação (LAGE, 2002).

Durante uma conversa com a fonte, há uma espécie de contrato entre fonte e repórter. Os dois confiam no outro e comportam-se como uma atitude cooperativa.

São leis e códigos não-escritos, cuja violação implica sanções consensuais que existem em qualquer cultura. Incluem formas de tratamento, reciprocidade na troca de informações ostentação de sinceridade e argumentação em defesa dos próprios interesses (LAGE, 2002, p. 55).

Lage ainda explica que o resultado de uma consulta à fonte acaba sendo resultado da intenção que a fonte vê no repórter. Se ela achar que o repórter é uma ameaça, não irá responder naturalmente e teme que o repórter não entenda sua resposta. Por isso, é importante que as intenções sejam demonstradas desde o início, que haja uma espécie de confiança na conversa e que o repórter demonstre algum domínio sobre o assunto, para que a conversa, então, possa fluir.

Sobre a natureza das fontes, algumas das fontes utilizadas nesse trabalho são primárias. São as fontes que, segundo a definição de Nilson Lage, fornecem fatos, versões e números. Essas fontes serão, principalmente, os coordenadores de templos e comunidades budistas. As fontes primárias nesse trabalho serviram como fontes que fornecem explicações sobre o tema estudado, explicando certas expressões e ensinamentos sobre o budismo. Outro tipo de fonte utilizado é o de

testemunhas, pois para a construção de perfis, é preciso que haja o testemunho da fonte com toda sua característica subjetiva, com impressões, emoções e perspectivas.

Segundo BAHIA (1990), é precisamente de perguntas e respostas que nasce a entrevista, mas não faz do repórter um mero registrador de respostas. Além disso, a entrevista deve refletir uma interação com dois ou mais indivíduos exercendo recíprocas influências. Muitas vezes o mais importante da entrevista não está nas respostas formalmente expressas, mas naquilo que mais afeta os sentidos do repórter e as reações do entrevistado, no que se insinua, no que não se diz claramente, na dúvida que suscita, no deslize e no inesperado. A atmosfera psicológica é fundamental na entrevista.

Assim, a entrevista não pode deixar de explorar a comunicação silenciosa – gestos, olhar, atitudes, tom de voz, modo de vestir do entrevistado – e toda a gama de maneirismos, mutações e aspectos do temperamento que bem observados pelo repórter vão valorizar o clima e interferir na avaliação da entrevista e na qualidade do noticiário (BAHIA, 1990, p. 59-60).

A entrevista é uma técnica importante no jornalismo e é considerada a base de uma reportagem, onde o repórter exerce seu trabalho fundamental. O papel do repórter será de ouvir e apurar as informações para produzir o conteúdo. Durante a história da imprensa, a figura do repórter foi surgindo e especializando-se cada vez mais. De um “operário-faz-tudo”, evoluiu para a peça da engrenagem da notícia. O papel do repórter é apurar as informações e publicá-las. Com o surgimento da tecnologia, o papel do repórter não minimizou, ele continua sendo peça fundamental nas redações. Para cumprir sua função, o repórter deve ter persistência, curiosidade, tenacidade interesse pelo que faz, aptidão para se envolver com pessoas e fatos, memória visual e auditiva, informação e relações com as suas fontes.

A função do repórter não se esgota na apuração e registro dos fatos. Isto quer dizer que o repórter não é só uma testemunha privilegiada, a qual incumbe captar e difundir dados ou observações. Marcada por uma ação – fruto de tarefas contingentes, como a de apurar e a de selecionar mediante critérios técnicos – a função do repórter é instrumental (BAHIA, 1990, p. 57).

Ou seja, o repórter não é apenas testemunha, mas também precisa ter técnicas para apurar e escrever o relato com as premissas de veracidade, objetividade, exatidão, credibilidade e da novidade. Não é apenas o ato de escrever bem que faz um repórter, mas sim sua capacidade de saber apurar, levantar dados. Cabe ao repórter analisar o que é relevante, oportuno, veraz, credível, correto, útil e interessante.

Nesse trabalho, as entrevistas foram marcadas com antecedência, em locais que a fonte se sentia mais confortável, a preferência foi a casa ou o local de trabalho de cada um. Foram utilizados câmera e gravador para captar imagem e áudio. As imagens serão utilizadas para compor vídeos que acompanharão os perfis. Nas entrevistas o ponto principal abordado foi o budismo, pois o objetivo é extrair a relação dos entrevistados com o assunto. Contudo, serão feitas também perguntas para compor o perfil, como nome, profissão, aspectos da vida que contribuam para uma descrição do perfilado. Os perfilados foram questionados previamente sobre a possibilidade de conceder a entrevista. Foram feitas algumas perguntas padrão, previamente formuladas, mas dependendo de cada caso, fala ou relato do entrevistado foram também formuladas novas perguntas a fim de ajudar no entendimento e na composição do perfil.

Ao todo foram seis personagens perfilados. A escolha de cada um foi feita através da observação-participante, onde foi possível perceber o envolvimento dos indivíduos dentro da comunidade. Optou-se por escolher aqueles que tinham certa frequência. Para marcar as entrevistas, as pessoas foram abordadas pessoalmente, inicialmente, e depois as entrevistas foram marcadas através de mensagens e ligações posteriores. As entrevistas foram feitas em cerca de quarenta minutos, em locais de preferência dos personagens.

4.3 Jornalismo Literário

A proposta deste TCC é apresentar perfis de pessoas que praticam o budismo em Curitiba e relacionar suas ligações com a filosofia. A escolha de perfis foge da linguagem objetiva e usualmente empregada no jornalismo. Para isso, apresentam-se perfis em uma linguagem mais literária, usando esse artifício para informar o leitor. Segundo Pena (2013), o jornalismo vem sofrendo com pautas que abordam o grotesco e a espetacularização. Uma forma de escapar dessa lógica é o jornalismo literário.

Só que é uma alternativa complexa. Não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro-reportagem. O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos (PENA, 2013, p. 13).

Ou seja, a preocupação do Jornalismo Literário é contextualizar a informação de uma forma mais abrangente. Como Pena define, o jornalista não joga fora o que aprendeu no jornalismo diário, apenas desenvolve as técnicas ultrapassando os limites do acontecimento cotidiano. Ele não precisa se preocupar com a novidade, mas sim proporcionar uma visão ampla da realidade. No jornalismo diário é comum os personagens das matérias já serem legitimados e formarem um ciclo vicioso. A proposta do jornalismo literário é ouvir o cidadão comum, a fonte anônima e os pontos de vista que nunca são abordados.

O próprio conceito de Jornalismo Literário, que é caracterizado como uma modalidade de prática da reportagem de profundidade e do ensaio jornalístico utilizando recursos de observação e redação originários da (ou inspirados pela) Literatura. Traços básicos: imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo, precisão de dados e informações, uso de símbolos (inclusive metáforas), digressão e humanização (PENA, 2013, p. 105).

Ao propor a construção de perfis, este trabalho quer explorar a abrangência do Jornalismo Literário e dar uma abordagem diferente e também com mais conteúdo para um tema que faz parte da realidade e é pouco explorado com profundidade pelos veículos jornalísticos.

Os textos apresentados são reportagens em formato de perfil. Ao todo serão seis textos, com seis personagens. Além da composição dos perfis, também foram feitos pequenos vídeos com os relatos de cada entrevistado que acompanharão o conteúdo do texto. Foram feitas, também, três reportagens especiais de áudio, em linguagem também mais literária, com informações e impressões de uma primeira visita à prática da meditação. Dessa forma, procurou-se desenvolver um conteúdo multimídia, feito para uma plataforma web.

5 JORNALISMO E WEB

Neste capítulo descrevemos a presença do jornalismo na Internet. Da adaptação, do surgimento e características desse novo meio de comunicação e como o jornalismo se insere e pode ser aproveitado nele, além de relacionar essas características com o produto final desse TCC, que é um produto específico para a web, e descrevê-lo.

5.1 Webjornalismo

Muitos termos podem ser confundidos. Ouvimos muito sobre jornalismo online, webjornalismo, jornalismo digital e jornalismo eletrônico. É preciso, então, diferenciá-los. Mielniczuck define o jornalismo eletrônico como o mais abrangente, toda a aparelhagem eletrônica que é usada no jornalismo. O jornalismo digital acontece na captura, processamento ou disseminação da informação, como as câmeras digitais. O jornalismo digital também é chamado de multimídia, pois pode usar vários dados digitalizados de diferentes naturezas: som, imagem e texto. Já o webjornalismo refere-se a uma parte específica na web, interfaces gráficas. Embora o público confunda a web com a Internet, a web é apenas uma parte da ampla rede de computadores. É o jornalismo desenvolvido para os sítios, ou portais (MIELNICZUK, 2003). Para este trabalho, usamos a definição de webjornalismo e jornalismo digital, que são as que melhor se encaixam.

O desenvolvimento de material para produtos jornalísticos televisivos ou radiofônicos (jornalismo eletrônico ou digital); produção de uma edição em CD (jornalismo digital); material para ser disseminado por uma agência de notícias diretamente para os celulares de seus assinantes (jornalismo online); ou ainda material a ser disponibilizado em sítio jornalístico (webjornalismo; jornalismo digital e online) (MIELNICZUK, 2003, p. 45).

As novas tecnologias de comunicação abriram novas possibilidades para o jornalismo se desenvolver na web. Apesar da utilização da rede ainda ser um movimento novo, alguns jornais apostam na atualização contínua das informações como forma de lançar seu produto na rede. Exemplo disso são os portais (portal IG, UOL, Terra). Outros exploram a multimedialidade e a possibilidade de

aprofundamento de assuntos, com a disponibilização de extensos bancos de dados visuais e sonoros (MSNBC). (PALACIOS, 2003).

Para Wolton (1999), a comunicação nas Novas Tecnologias de Comunicação não oferece liberdade individual, a rede pode dar acesso a inúmeras informações, mas ninguém quer saber de tudo e sobre tudo. Quanto mais informações há, maior é a necessidade de intermediários – como os jornalistas - para filtrar, organizar e priorizar. A igualdade do acesso à informação não cria igualdade de uso da informação.

Já Pierre Lévy (1999) sugeriu um possível desaparecimento do jornalismo em função da Internet, porém o que se observa é que com o crescimento da massa de informação disponível, mais crucial é o papel dos profissionais que filtram e ordenam o material.

Mesmo em experiências jornalísticas na web em que os usuários assumem diretamente a função de produtores de conteúdos, como o caso da revista eletrônica En.red.ando (<http://www.enredando>) a função do jornalista enquanto “moderador” se faz essencial no sentido de manter a confiabilidade dos conteúdos disponibilizados (PALACIOS, 2003, p. 22).

O jornalismo online possui um espaço virtualmente ilimitado para a produção de conteúdo. É a primeira vez que ocorre na História do jornalismo, já que mesmo com o advento do rádio e da TV o jornalista ainda era obrigado a conviver com limitações de espaço. Outra característica é que o jornalismo na rede também é marcado por uma forte memória, pois os arquivos que antes eram físicos, no jornalismo impresso ou TV, agora estão na rede e podem ser consultados a qualquer instante por qualquer usuário, através das barras de pesquisa, por exemplo.

Importa igualmente assinalar que os arquivos jornalísticos constituem, desde há muito, fonte da maior relevância para a recuperação da Memória Histórica de nossas sociedades (PALACIOS, 2003, p. 27).

É por isso que o jornalismo digital também é chamado de jornalismo multimídia, pois implica na possibilidade da manipulação conjunta de dados digitalizados de diferentes naturezas: texto, som e imagem.

Os efeitos sociais da informação digitalizada não seriam os mesmos sem os computadores. O fato de poderem se conectar uns aos outros, faz com que os usuários possam interagir simultaneamente, superando os limites da distância e suavizando as noções de tempo.

Outros autores que falam sobre o potencial da Internet como veículo de informação são Jesús Flores e Denis Porto (2012). Segundo os pesquisadores, vivemos em uma sociedade líquida e sem estruturas definidas. Entre nós há o desejo de participação, intervenção e grande fluxo de informação. A principal característica que se manteve, independentemente da alteração das linguagens, da sociedade e das tecnologias é a multimedialidade. Eles definem uma sociedade multimídia como aquela que possui em suas mãos uma diversidade de meios. Ela também possui características atípicas, como a capacidade de utilizar distintos meios ao mesmo tempo. Ou seja, sabe comunicar de forma intertextual, inclusive na produção de conteúdos distintos de linguagens específicas para meios diversos. Ou seja, para comunicar, atualmente, também é preciso nos adaptar e produzir uma linguagem transmídia.

Para os autores, o “periodismo transmedia” é uma forma de linguagem periódica que contempla ao mesmo tempo meios distintos, com várias linguagens e narrativas a partir de inúmeros meios e para uma infinidade de usuários. Portanto, são adaptados recursos audiovisuais, de comunicação móvel e de interatividade na difusão do conteúdo, incluindo a blogosfera e as redes sociais, que ampliam de forma considerável a circulação do conteúdo.

A diferença do “periodismo transmedia” sobre as outras formas de narrativas periódicas é que com a narrativa transmídia é possível aproveitar as possibilidades comunicacionais presentes na sociedade pós-moderna, onde a mobilidade e a liquidez das estruturas, ou seja, a interatividade assume papéis importantes no campo da comunicação, como a de envolver e atrair o receptor para uma interpretação participativa da mensagem. Esse é um ponto necessário para observar uma estrutura transmídia: a expansão da narrativa a partir da interatividade.

Entre os desafios que temos para descobrir ou compreender o novo cenário em que vive o periodismo digital, o mais novo e talvez mais complexo é, sem dúvida, o periodismo a partir da telefonia móvel, ou celular. Não só pelas questões tecnológicas ou tecnocêntricas, mas especificamente pela característica convergente. Flores diz que a telefonia celular mudou não apenas a forma da mensagem, da comunicação, mas também toda a sociedade. Ou seja, passamos por uma evolução tecnológica e também de linguagem (PORTO; FLORES, 2012).

Por exemplo, em um smartphone encontramos todos os outros canais de comunicação de uma só vez em um só dispositivo e muitas vezes esses canais se relacionam entre si.

Com essa evolução, Porto e Flores (2012) explicam que a linguagem de reportagens e narrativas periódicas também passou a mudar, pois é preciso que a linguagem contemple o modelo em que ela será inserida. Na Internet, por exemplo, é preciso procurar uma linguagem que trabalhe com a interatividade, com a corrente troca de informações, com o hipertexto, que haja um diálogo entre as várias formas de mídia que esse meio dá suporte e que a interpretação seja compreendida como uma reconstrução narrativa que se parece com a linguagem humana. Pois hoje, graças aos celulares e a internet, tudo se transforma ao toque das mãos, o ser humano é capaz de escolher o que vê e como quer ver, então a linguagem utilizada no meio também se adapta.

Para Pinho (2003) a rede mundial ainda é um novo meio de comunicação que rivaliza com a tevê, jornais e outros veículos. Isso porque é uma ferramenta de comunicação que difere dos outros meios tradicionais de comunicação. Os aspectos que a diferenciam são muitos: não-linearidade, fisiologia, instantaneidade, dirigibilidade, qualificação, custos de produção e de veiculação, interatividade, personalidade, acessibilidade e receptor ativo. Esses aspectos são importantes para utilizar a internet como instrumento de informação.

Hoje como o maior espaço existente de circulação de informação via redes de computadores, a Internet não deixa de representar também um novo e promissor campo de renovação para as práticas e as técnicas do jornalismo (PINHO, 2003, p. 58).

Ou seja, o jornalismo na web ainda é um processo recente e que está em desenvolvimento. Os meios de comunicação e os jornalistas ainda estão tentando encontrar procedimentos e técnicas para o desenvolvimento do jornalismo na Internet. O que pode se perceber é que a web permite o uso de várias mídias, tem o visual da tevê, a mobilidade do e a escrita de jornais e revistas. Com o crescimento do uso da Internet pela população mundial, o jornalismo também começou a migrar e hoje há vários sites de jornais e revistas, sites de agências de notícias, sites noticiosos especializados, portais de notícias atualizados 24h.

A entrada de jornais e revistas na Internet inaugura um novo veículo de comunicação que reúne características de todas as outras mídias e que tem como suporte as redes mundiais de computadores. O jornalismo digital representa uma revolução no modelo de produção e distribuição das notícias. O papel (átomos) vai cedendo lugar a impulsos eletrônicos (bits) que podem viajar a grandes velocidades pelas autoestradas da informação. Estes bits podem ser atualizados instantaneamente na tela do computador na forma de textos, gráficos, imagens, animações, áudio e vídeo; recursos multimídia que estão ampliando as possibilidades da mídia impressa (MANTA, 2002, apud PINHO, 2003, p. 114).

O projeto deste TCC se encaixa nesta nova fase do jornalismo na web. Produzir um site estático de conteúdo especializado é a proposta final desse projeto.

Neste trabalho iremos usar o webjornalismo de terceira geração, por ser um produto feito para a internet que irá explorar e aplicar as potencialidades oferecidas pela web e apresentar recursos de interatividade, recursos multimídia e atualização contínua.

6 O PRODUTO

O objetivo desse trabalho é servir como base para a montagem de um site estático e especializado sobre o budismo praticado em Curitiba. O conteúdo do site se baseará em pequenos perfis de pessoas que praticam e buscaram conhecer o budismo. O texto será acompanhado por vídeos de dois minutos, que ilustrarão os perfis. Além disso, montaremos um glossário, uma reportagem de áudio contando a experiência da meditação, os locais onde se pode praticar em Curitiba.

6.1 Plataforma

A plataforma escolhida para o site é o Wix, onde é possível criar sites de forma intuitiva e gratuita. O conteúdo e o design seguirão estudos e características definidas por Mike Ward no livro “Jornalismo Online” (WARD, 2006).

O Wix é um site que serve de plataforma e ferramenta para a criação de outros sites. Através de *templates* pré-definidos, você pode criar um design totalmente novo, de forma intuitiva. Você pode arrastar imagens, editar os textos e a ordem dos conteúdos conforme seu gosto. Por esse motivo e também por ser gratuito, o Wix foi a plataforma escolhida para hospedar o site.

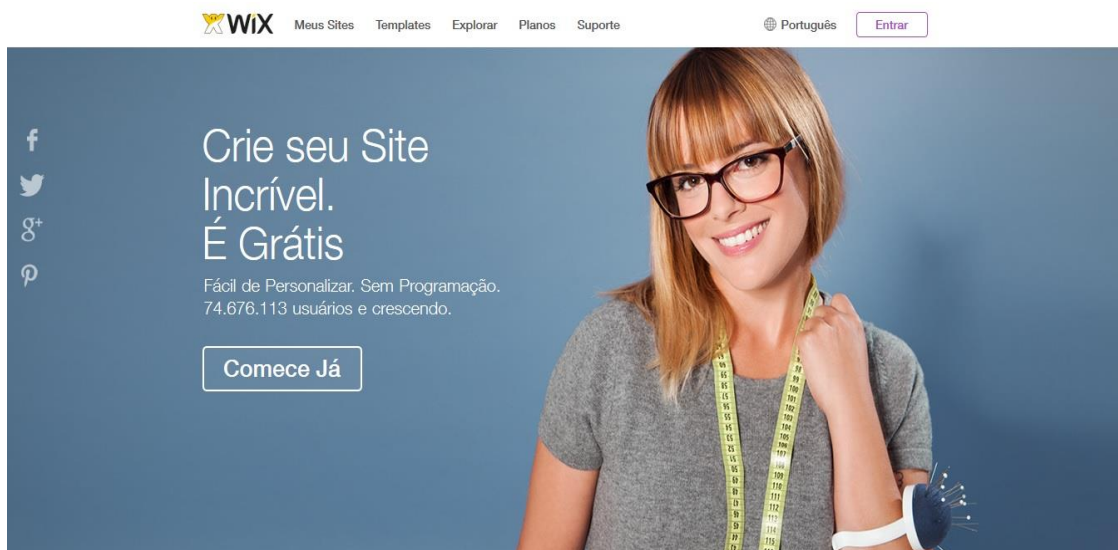


FIGURA 7 – Plataforma Wix, onde é possível criar sites gratuitamente.
FONTE: www.wix.com

6.2 Design

Para Ward (2006), pensar no design também é pensar na comunicação. Isso porque ele considera que o design é um processo jornalístico do jornalismo online. Além de buscarmos, analisarmos e produzirmos notícias, também precisamos pensar em como vamos apresentá-las. Para ele, o texto está relacionado à estrutura organizacional do site. Apesar de parecer um processo longe da capacidade do jornalista, Ward acredita que o design é fundamental para a comunicação da mensagem.

Tendo isso em mente, o design do site foi pensado de forma em que o conteúdo pudesse ser entendido, separado de forma que o usuário, ao entrar no site, pudesse entender intuitivamente e sem o uso de textos muito longos, pois como Ward mesmo afirma, na web o usuário está disposto a ler 50% menos do que no papel. Sendo assim, pensamos em utilizar ícones, fotos e textos curtos para chamar o leitor.

O *template* pré-definido escolhido foi o da figura:



FIGURA 8 – *Template* pré-definido escolhido para a montagem do site.

FONTE: www.wix.com

A estrutura do site segue o do *template* acima, com poucas palavras e ícones. Pensado e estruturado conforme o tema de estudo e os conteúdos criados.

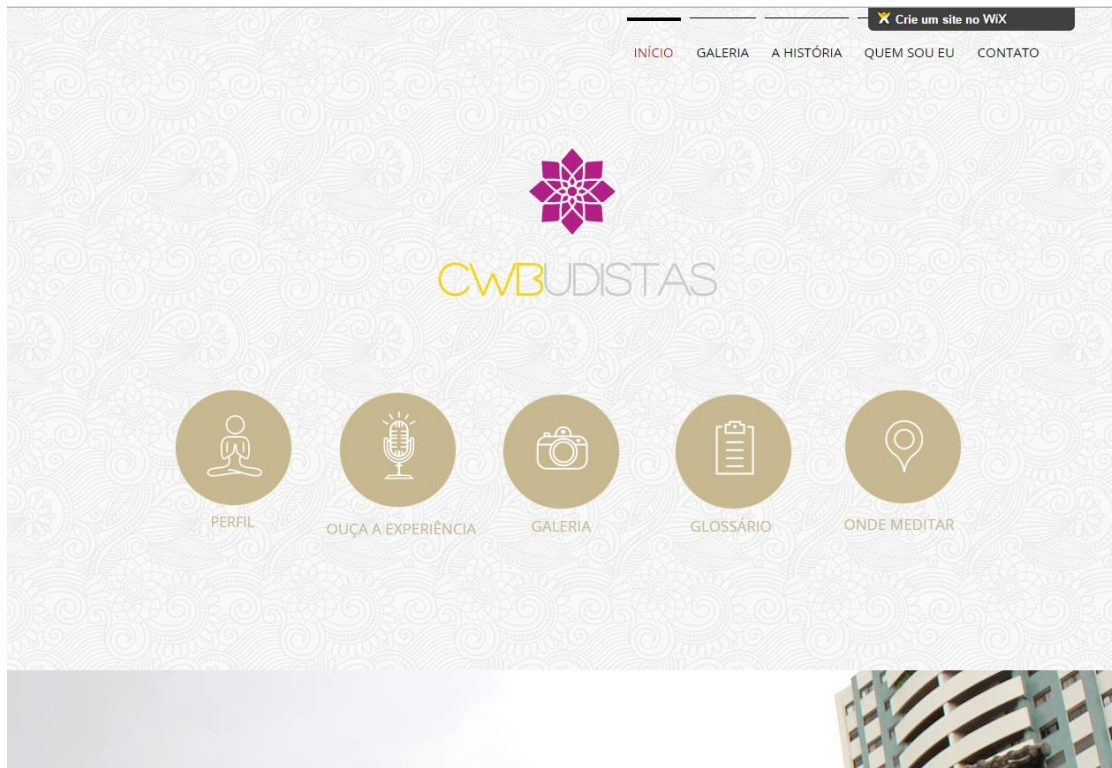


FIGURA 9 – Página inicial do site. FONTE: www.wix.com

Os ícones foram criados de forma que o usuário pudesse se guiar pelo site de forma intuitiva, sem o uso de muitas palavras e com desenhos - chamados de vetores no design -, que indicam para o conteúdo. A página inicial é limpa, com informações rápidas.

6.3 Acessibilidade e estrutura do site

Ward identifica dez estágios principais no desenvolvimento de um recurso na web: saber se a mídia online é o melhor meio para a sua mensagem, saber o que e a quem quer comunicar, definir a missão e os alvos, considerar o potencial do conteúdo, organizar o conteúdo em partes, escolher uma estrutura para as partes, propiciar aos usuários ferramentas para encontrarem os caminhos para as partes, apresentar o pacote total de forma efetiva, certificar de que o pacote total funciona no meio online e ver o que os usuários pensam (WARD, 2006).

O primeiro passo a ser seguido para montar um website, segundo Ward, é saber se o meio online é o melhor meio para a mensagem que se quer informar. Neste projeto de TCC, o meio online foi escolhido pela sua capacidade multimídia, pelo baixo custo e também por ser um acesso de informação gratuito, fácil e que abrange muitos usuários em um grande espaço e em pouco tempo. Além disso, é uma forma de armazenar a informação e deixar o conteúdo mais interessante ao leitor, trazendo materiais de várias mídias. O objetivo é trazer informação de forma leve, clara e prática. Além de ser uma proposta de um produto diferente, que visa pela novidade, pelo futuro do jornalismo.

Pensar para quem se quer comunicar é importante. A ideia deste projeto é poder comunicar a inúmeras pessoas, levar a informação de forma fácil. Comunicar principalmente aos mais jovens, que estão na fase de vida de questionamentos, de procura de informação. É uma geração que está completamente envolvida pelas tecnologias e principalmente com a web. É na Internet que buscam, interagem e se entretêm.

6.4 Conteúdo produzido

A maioria desses usuários já conhece boa parte da web, têm contato diário, sabem onde procurar informações e, apesar de não serem experts de computadores, sabem intuitivamente o design que mais os agrada.


Outro ponto a ser pensado é quanto às necessidades dos usuários e seus desejos ao visitarem um site. Nesse ponto de vista, este projeto visa informar àqueles que procuram informações mais completas sobre o assunto (budismo). Àqueles que muitas vezes estão tendo o primeiro contato e que procuram se informar e querem encontrar uma informação fácil e que os inicie no assunto. Por isso a mensagem deve ser leve, esclarecedora e prática. Para isso que pensamos em vídeos, em contar experiências de outros indivíduos e por informações como glossário e onde procurar lugares em que podem encontrar mais informações.

Seguindo as orientações de cada estágio de Ward, pensando o público, a informação, o objetivo, é também importante saber como o conteúdo será organizado, a estrutura do site e o tipo de conteúdo. Optou-se por um site estático,

pois o conteúdo também será estático. As informações não serão atualizadas, pois o objetivo do blog é armazenar informações e não trazer novas informações diariamente.

Como o conteúdo é abrangente, optou-se por separar as informações. Perfis, glossário e as outras informações estarão separados em outras páginas dentro do site. Para acessá-las basta o usuário clicar nos ícones da informação que deseja obter.

Os conteúdos foram pensados em ser apresentados de forma clara. Os perfis, além dos textos, virão acompanhados de vídeos com a própria fala do personagem. Cada vídeo possui a duração média de cinco minutos, estabelecendo um tempo que se encaixa com a plataforma escolhida. O áudio foi pensado de uma maneira que pudesse apresentar ao usuário uma informação clara, uma explicação inicial da primeira experiência na prática da meditação, sendo dividido em: introdução, que explica o local, a espera, as explicações iniciais; as posições e posturas, uma explicação das posições da mão, das posturas ao sentar na meditação; e, por fim, a meditação em si, explicando como meditar e como é a própria experiência. Além disso, o site também traz uma galeria de fotos, um glossário com palavras utilizadas pelos budistas e um mapa com endereços de locais e templos budistas em Curitiba.



[INÍCIO](#)
[GALERIA](#)
[A HISTÓRIA](#)
[QUEM SOU EU](#)
[CONTATO](#)

Kaio Shimanski
Curitiba, PR
 Kaio viu, então, uma nova realidade. A autoanálise começou a ser um uniforme. A todo o momento ele se observava. Mas "a mente que se expande nunca volta atrás", diz sorrindo. Filho único, até o relacionamento com os pais mudou. Ao invés de reparar no erro do outro, começou a reparar o que estava errado nele. "Tudo vem da gente, o que está ruim só é ruim porque a gente deixou isso entrar", explica. [Leia+](#)

Fábio Novaes Vieira
Curitiba, PR
 Questionador desde criança, Fábio queria entender por que as coisas acontecem. A fase dos "por quês" que toda criança tem nunca passou. Os questionamentos pessoais não eram satisfetos. Ele sempre se perguntava sobre tudo. Com o pensamento lógico, gostava de ver as respostas na prática, de ver as coisas acontecendo. [Leia+](#)

Bruna Lacorte
Curitiba, PR
 "Se Bruna procurava algo para completar seu lado espiritual, acabou encontrando mais. Como o lado psicológico. A diferença que ela mais nota é no dia a dia. Ao longo da semana ela consegue sentir uma leveza e, ao longo dos anos, diferenças que parecem pequenas, mas que aparecem, como o modo de pensar em certas situações." [Leia+](#)

Deborah Simone Cividanes
Curitiba, PR
 Com a fala mansa, gestos e expressões calmas, Deborah Cividanes parece estar relaxada o tempo inteiro. Depois de conhecê-la, pensar que por ser psicanalista é o que a ajuda a se manter nesse estado começa a ser um pensamento natural. [Leia+](#)

Ilse Maria Muller
Curitiba, PR
 "Professora de biologia aposentada, Ilse mora sozinha. É divorciada e tem uma filha, que já saiu de casa. Com 58 anos, desde os 30 que ela sempre buscava alguma coisa que desse um caminho para o autoconhecimento. Frequentou o agnósis, fez yoga, foi a um centro espírita." [Leia+](#)

César Kolil
Cidade, Estado
 Conhecer algo novo não foi um desafio. Cesar cresceu em um "ambiente de tentativa", como ele mesmo chama. "Meu pai sempre foi um livre pensador, nunca se considerou de uma religião, mas sempre teve interesse em conhecer e conversar. Minha mãe era católica, mas agora é espírita", conta. [Leia+](#)

FIGURA 10 – Página dos perfis, com 6 personagens. FONTE: www.wix.com



[HOME](#) [GALERIA](#) [HISTÓRIA](#) [ORIENTAÇÃO](#) [CONTATO](#)

Uma análise de si mesma

Com a fala mansa, gestos e expressões calmas, Deborah Cevilanes parece estar relaxada o tempo inteiro. Depois de conhecê-la, pensar que por ser psicanalista é o que a ajuda a se manter nesse estado começa a ser um pensamento natural.

Católica de nascença, ela sempre foi muito curiosa. Sempre quis saber de tudo que pudesse saber. Buscar pelo conhecimento era seu objetivo maior. Talvez por isso Deborah sempre foi muito pensativa. E o excesso de pensamento já causou sofrimento. Com esse intuito, a psicanalista que vive a analisar os outros, procurou uma forma de analisar a si mesma.

Pesquisando na Internet, ela achou o site da Comunidade Zen-Budista de Curitiba e resolveu experimentar. O silêncio não foi um problema. Sempre muito introspectiva, Deborah gostava do silêncio. A dor nas costas foi o que a incomodou no início. Mas foi a parte ritualística que a encantou, ela se sentiu à vontade, em um lugar onde não há cobrança nem julgamento, onde ela não precisaria ficar se explicando demais, onde o conhecimento é feito sozinho, é voltado para si mesmo.

Com foco na respiração, ela percebeu seus pensamentos desacelerarem. Agora a mente flui. Formada em Filosofia, os dogmas nunca a atraíram. Deborah gosta de se envolver naturalmente. Hoje ela é responsável por fazer o chá para a cerimônia e marcar o tempo da meditação, para tocar o sino. "Você vai sendo absorvido pela atividade", conta. Para ela, a participação dentro do grupo é muito importante. Pois ali, com todas as pessoas concentradas, ela consegue focar no que está fazendo. Aliás, é isso que a prática faz, trabalha a experiência do momento, em estar presente no que faz. Nesse ponto, Deborah sentiu uma mudança, agora ela aproveita os momentos sem estar pensando em um futuro que não existe ou no passado que já foi. Estar por inteiro. Ela não acredita que mudamos em essência.

A "mudança" seria encontrar aquilo que você já estava buscando. Se encontrar em algo muito diferente do que você é, é encontrar aquilo que você já estava buscando e não sabia. Agora ela já não sente que os dias e os anos estão passando rápido demais. Quando você sente que o tempo passou rápido, é sinal de que não aproveitou. A percepção de vivenciar os momentos mudou.

Deborah sempre foi autodidata. Gosta de aprender com o que escuta, pelas conversas e a partir da própria prática, do próprio desenvolvimento. O conhecimento intuitivo, como o chama. Para ela tudo se tem um pouco para aproveitar e aprender. Tanto que já participou de vários locais religiosos, um diferente do outro. Aprender com o diferente e principalmente aprender a lidar com o diferente é o que a atrai. Gosta de aprender com outras experiências.

Psicanalista, a identificação com o budismo também se deu através de algumas ideias semelhantes. Para ela, a meditação ajudou a refinar sua escuta e a tranquilizou para desenvolver o seu trabalho. Principalmente em entender pelo que ela o faz e a se responsabilizar por suas ações. Apesar disso, ela alerta que a prática não é terapia.

É autoconhecimento, auto-percepção. Muitas vezes pessoas procuram a meditação como uma resposta, uma cura e acabam não aproveitando a prática e continuando desorientados. Para ela, se propor a esse autoconhecimento é desconfortável, pois as pessoas sempre se imaginam boas, cheias de qualidade e que a causa de sofrimento delas é o mal do mundo. Mas com a meditação a percepção muda, é possível ver quem causa sofrimento e você mesmo, porque se deixa afetar e não que as coisas que te afetam.

Assim como seu jeito, ela foi se envolvendo sutilmente com o budismo. A família foi aceitando suas mudanças. Para ela, não é uma questão de adotar um dogma religioso, mas sim aceitar tudo o que vier de bom, que for um acréscimo e não segmentação. O budismo é uma forma melhor de se conhecer. Encontrar o que já estava lá. Não há mudanças extraordinárias, mas sim sutis.

O foco agora a ajuda a estudar para o mestrado. Ajudou a encerrar dois falecimentos na família. Agora ela entende que é preciso aceitar e não se prender ao sofrimento, que a vida acontece. E aceitar não é não sofrer e não sentir, mas entender como você se afeta por aquele sentimento e deixá-lo fluir, sem se apegar. Passar pelo luto e deixá-lo ir embora.

FIGURA 11 – Modelo da página de um perfil, com vídeo acompanhando o texto. FONTE: www.wix.com

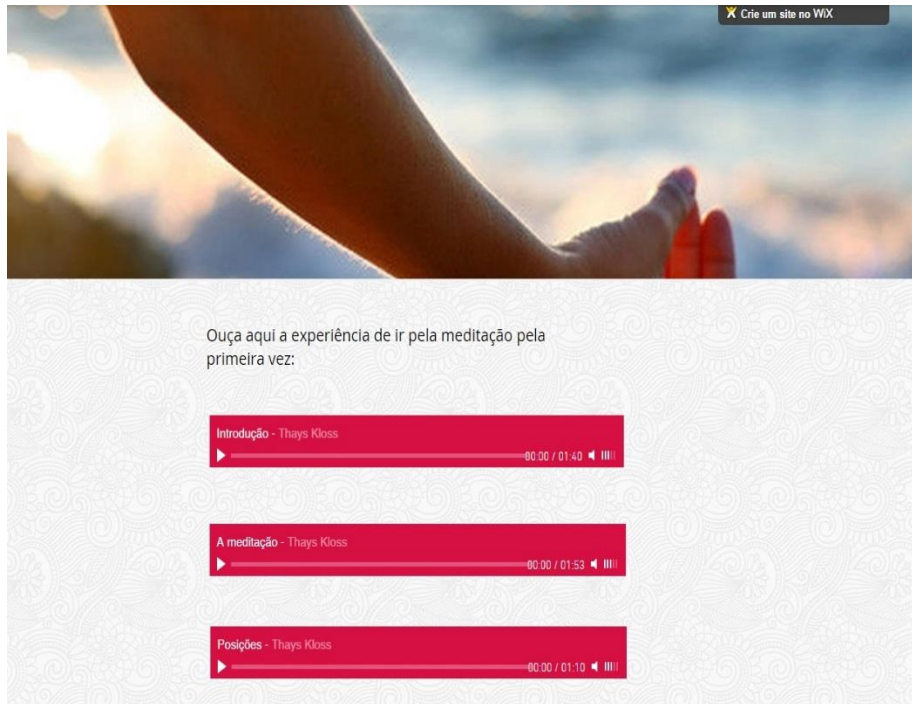


FIGURA 12 – Página onde estão hospedadas as reportagens de rádio.
 FONTE: www.wix.com

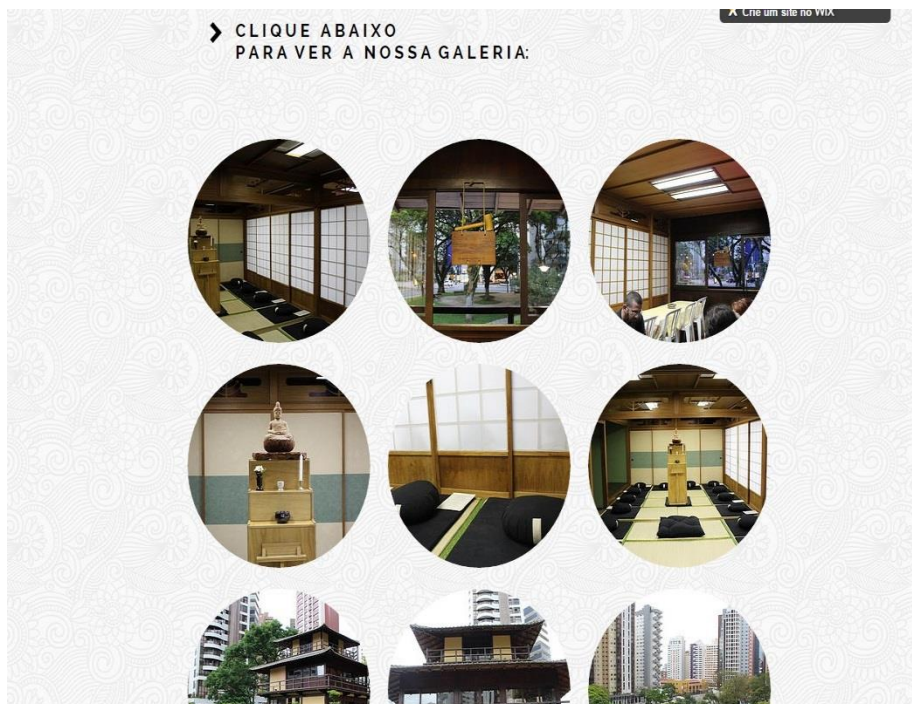


FIGURA 13 – Página da galeria de fotos. FONTE: www.wix.com

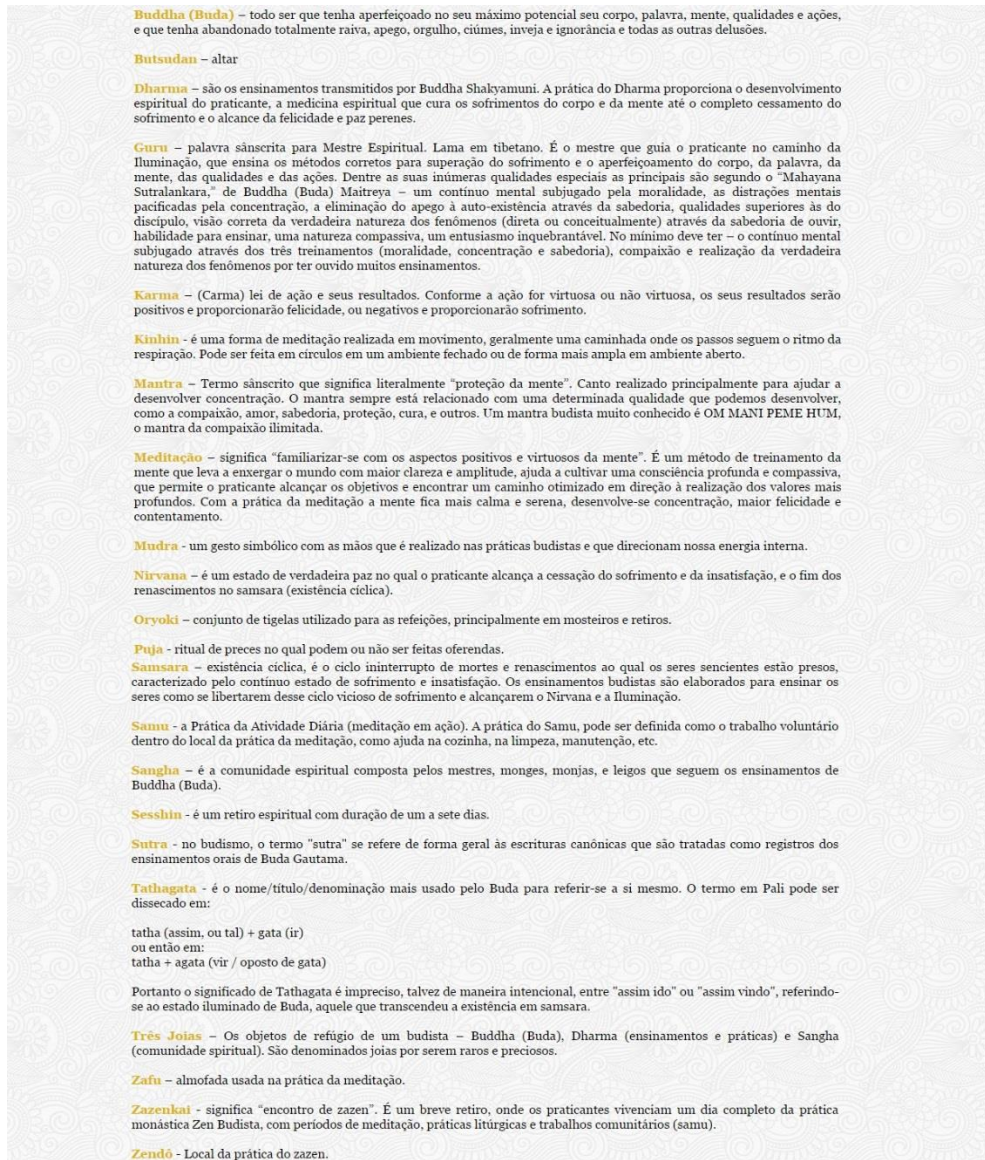


FIGURA 14 – Página do glossário, com palavras usadas pelos budistas.

FONTE: www.wix.com

> **LUGARES ONDE MEDITAR**
X Crie um site no Wix

Comunidade Zen-Budista de Curitiba - Praça do Japão
 horário para iniciantes: sábados, 19:30h
<http://www.sotozencuritiba.org/>

Centro de Estudos Budistas Bodisatva - Rua Conselheiro Carrão, 1155
 segundas: 19:30h
 terças: 7:30h ou 19:30h
 sexta: 15h
 sábado: 10h
<http://www.cebb.org.br/centros/pr/curitiba/>

Chagdud Gonpa Dordje Ling - Rua Doutor Roberto Barrozo, 620
 para participar preencher ficha: <http://dordjeling.org/index.php/cadastro>
<http://dordjeling.org/>

Zendo Curitiba - Rua Riachuelo, 102 (sala 74)
 sábados, 9:10h
<https://zendocuritiba.wordpress.com/>

Budismo Primordial Nyorenji - Rua Sebastião Marcos Luiz, 92
<http://www.budismo.com.br/index.php>




FIGURA 15 – Página de lugares onde é possível praticar o budismo em Curitiba, acompanha os endereços um mapa do Google Maps para navegar pela cidade e encontrar os endereços. FONTE: www.wix.com

Outro ponto importante ao desenvolver um site é ter em mente uma navegação clara para o usuário. Pensando nisso, a página inicial direciona a ícones onde o usuário pode navegar tranquilamente. Através do organograma abaixo é possível entender a estrutura do site:

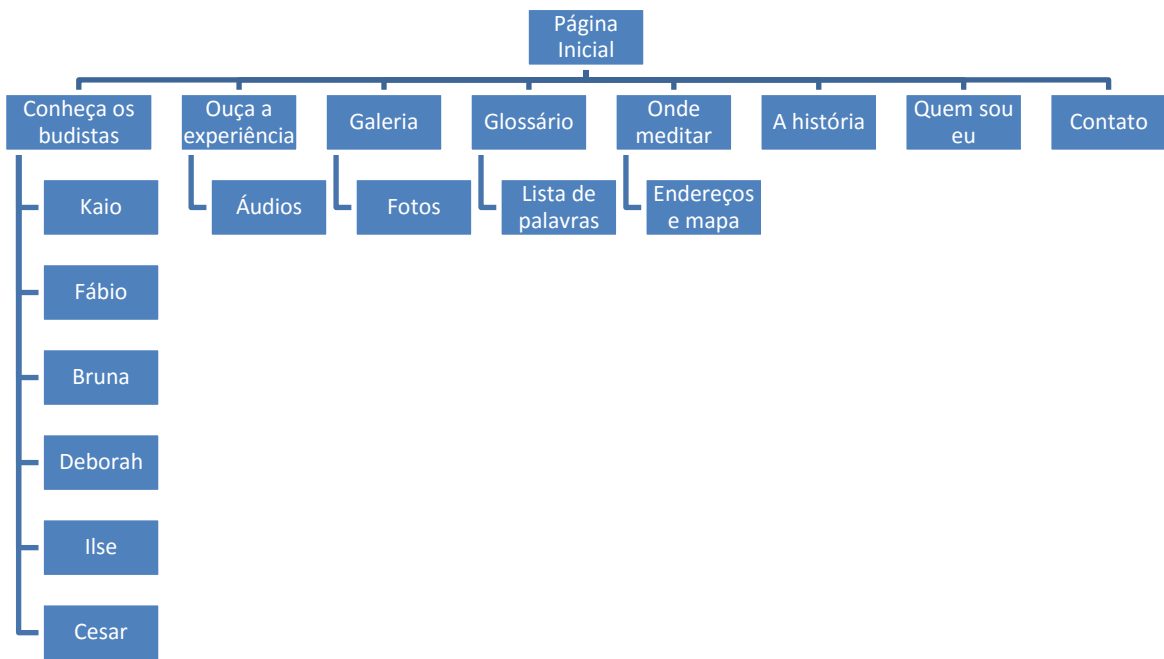


FIGURA 16 – Organograma do site.

O resultado do site pode ser visto através do link:

<http://cwbudistas.wix.com/cwbudistas>

CONCLUSÃO

Este TCC teve como objetivo a produção de um produto que tratasse do budismo e a história de pessoas de forma que trouxesse informação sobre um assunto de interesse humano, mas com pouca cobertura da mídia. Além da produção de textos, produzimos também material fotográfico, vídeos, áudio e informações como glossário e locais, de forma que a produção de informação fosse relevante para o assunto e o público. Por isso, foi necessário o estudo do tema e a observação-participante, fundamental para o trabalho, pois contribuiu para o conhecimento geral e, em específico, para as entrevistas e entendimento dos depoimentos dos personagens.

Na realização do trabalho, pensar em como a informação seria entregue foi, talvez, a atividade mais difícil e interessante. Isso porque o trabalho se propôs a produzir conteúdo multimídia e produzir não só textos, mas pensar em vídeos, áudios, fotos e maneiras diferentes de informar o leitor da melhor forma. Pensar também em como a informação seria entregue ao leitor, desde o design do site, o formato de textos, vídeos e narração do áudio foram fundamentais para a realização do trabalho e também do entendimento do papel do jornalista.

A internet trouxe um mundo de possibilidades de criação de conteúdo que podem ser aproveitados de muitas formas. Trouxe espaço para assuntos que muitas vezes não são debatidos em jornais, trouxe a possibilidade de pensar a comunicação de uma forma mais complexa, analisando o público, pensando em formas e formatos diferentes de mídias que podem ser utilizadas e como serão utilizadas.

Além disso, a possibilidade de ouvir fontes além das oficiais, descobrir histórias por trás de pessoas comuns, trazer a empatia e um formato que as mídias tradicionais diminuiram ao usar, traz também um respiro ao jornalismo. Uma sensação de algo novo.

Este trabalho se propôs a pensar esse novo jeito de fazer jornalismo, em trazer um produto diferente do tradicional, que mostra a realidade para qual o jornalismo atual vem caminhando e exigindo dos profissionais. Trouxe uma forma de trazer o conteúdo transmídia e a versatilidade que o jornalista deve ter para além do

texto. Ir além até nas escolhas de pautas, dos assuntos abordados e como serão abordados. Mas, principalmente, buscou-se trazer informação além das mídias tradicionais, despertar assuntos e formas novas de fazer jornalismo e trazer a versatilidade que a web permite ao jornalista para abordar um tema pouco ou mal retratado pelos meios de comunicação.

REFERÊNCIAS

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica 2: as técnicas do jornalismo**. São Paulo: Editora Ática, 1990.

GONÇALVES, Ricardo Mário. **O Budismo no Japão na Época da Emigração Para o Brasil e Suas Repercussões em nosso país**. São Paulo, 1990

HELLERN, Victor.; NOTAKER, Henry.; GAARDER, Jostein. **O livro das religiões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

IBGE. **Censo 2010: Tabela 1.4.1 - População residente, por situação do domicílio e sexo, segundo os grupos de religião - Brasil – 2010**. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religião_Deficiencia/tab1_4.pdf>. Acesso em 03 ago., 2015.

KOJIMA, Shigeru. **Um estudo sobre os japoneses e seus descendentes em Curitiba**. UFPR, Curitiba, 1991. Disponível em: <http://dspace.c3sl.ufpr.br:8080/dspace/bitstream/handle/1884/24621/D%20-%20KOJIMA%2c%20SHIGERU.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.

LAMA, Dalai. **Nas minhas palavras**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

MANTA, André. **Guia do jornalista na internet 1997**, 2002. In: PINHO, J. B. **Jornalismo na Internet**. São Paulo: Summus, 2003.

MIELNICZUK, Luciana. Sistematizando alguns conhecimentos sobre jornalismo na web. In: MACHADO, Elias.; PALACIOS, Marcos. **Modelos de jornalismo digital**. Salvador: Edições GJOL; Calandra, 2003, p. 37-54.

PALACIOS, Marcos. Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo on-line: o lugar da memória. In: MACHADO, Elias.; PALACIOS, Marcos. **Modelos de jornalismo digital**. Salvador: Edições GJOL; Calandra, 2003, p. 12-36.

OYAMA, Thaís. **A arte de entrevistar bem**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

PEREIRA, Ronan Alves. **O budismo japonês: sua história, modernização e transnacionalização**. Fundação Japão São Paulo, 2011. Disponível em: <http://fjosp.org.br/site/wp-content/uploads/2011/03/artigo-Budismo-Ronan.pdf>

PERUZZO, Cicilia M. K. Observação participante e pesquisa-ação. In: BARROS, Antonio.; DUARTE, Jorge. **Métodos e Técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Editora Atlas, 2010, p. 125-145.

PINHO, J. B. **Jornalismo na Internet**. São Paulo: Summus, 2003.

PORTO; FLORES. Denis; Jesús. **Periodismo Transmídia**. Madrid: Editorial Fragua, 2012.

RINPONCHE, Chagdud Tulku. **O caminho budista**. Rio Grande do Sul: Makara, 2012.

VILAS BOAS, Sergio. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.

USARSKI, Frank. **Declínio do budismo “amarelo” no Brasil**. São Paulo, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702008000200007

USARSKI, Frank (Org.). **O budismo no Brasil**. São Paulo: Lorosae, 2002. Disponível em: http://www.academia.edu/998999/O_Budismo_no_Brasil_-_um_resumo_sistem%C3%A1tico

WARD, Mike. **Jornalismo Online**. São Paulo: Roca, 2006.

APÊNDICE

Relato de campo

Escolher um tema para o TCC nem sempre é tarefa fácil. Entre as tantas possibilidades que a comunicação e o jornalismo nos dão, torna-se quase impossível não ter dúvidas na escolha. Mas, por incrível que pareça, foram essas dúvidas que me fizeram escolher não só o tema, mas também o curso de jornalismo como carreira a seguir. A curiosidade já era uma característica forte e sempre pensei em algo em que eu pudesse sempre satisfazê-la. O jornalismo entrou assim, como a possibilidade de estar sempre conhecendo coisas novas, satisfazendo a curiosidade. Não obstante, na escolha do tema do TCC apelei para essa velha característica e resolvi pela novidade, por me dar a chance de conhecer um tema novo, uma história nova. O budismo surgiu para a minha curiosidade depois de muitos temas debatidos. A religião, o autoconhecimento e a existência sempre foram perguntas pertinentes ao homem e assuntos sempre encarados como senso comum em qualquer debate. Por que não mudar isso? Dei-me a chance de satisfazer minha curiosidade e, de quebra, poder discutir e descobrir novos assuntos.

Durante a realização do trabalho, tive que participar algumas vezes de encontros na comunidade Zen-Budista de Curitiba. No começo, frequentei também o Centro de Estudos Budistas Bodisatva, mas optamos por focar em somente um grupo para o trabalho não acabar sendo cansativo demais. Tentei manter a permanência de pelo menos uma vez por mês, para que pudesse perceber aqueles que frequentavam mais que uma vez e pudessem ser entrevistados. Durante as participações observei tudo, o comportamento das pessoas, dos monges, as explicações. Tentei ver se havia um padrão em quem frequentava. Cheguei a trocar algumas conversas, sobre dores durante a meditação, política, faculdade. O clima parecia ameno, apesar do silêncio. Em uma das participações fazia calor, resolvi ir de saia, mas uma saia longa, daquelas que vão até os pés. Nesse dia aconteceu algo interessante, um menino me abordou dizendo que eu não deveria mais ir vestida daquela forma. Não tive tempo de perguntar por que e nunca mais vi o rapaz. O fato ficou na minha cabeça e tentei observar se ele se repetia. Mas nada, parecia ser isolado.

Outras coisas me chamaram atenção, na sala da prática da meditação, é proibido passar em frente ao altar, onde há uma imagem de Buda. Apenas mestres e monges são autorizados. Tentei entender alguma explicação, mas nada a não ser o fato que havia algo de 'sagrado' que não pudesse ser tocado por leigos. Outro ponto interessante é que as pessoas envolviam-se voluntariamente em tarefas, como arrumar a mesa para o chá, ajudar a servir, preparar, arrumar as almofadas de meditação. Além disso, muitas pessoas pareciam partilhar da característica da curiosidade. Muitos perguntavam o motivo de estar ali, como estava sendo a prática.

O que posso dizer é que a observação-participante foi fundamental e um desafio. Me envolver na meditação certa, apenas para observar informações e personagens. Mas, ao mesmo tempo, foi uma experiência interessante. Enquanto minha curiosidade ia sendo saciada, também consegui sentir de novo aquilo que me fez ter vontade de ser jornalista.

ANEXO

Lista de reportagens:			
Veículo	Data	Título	Link
Estadão	23/05/15	Pro dia nascer feliz	http://alias.estadao.com.br/noticias/geral,pro-dia-nascer-feliz,1692754
Estadão	24/06/15	De criticado no Palmeiras, Diogo vira artilheiro na Tailândia	http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,de-criticado-no-palmeiras--diogo-vira-artilheiro-na-tailandia,1711880
Estadão	26/06/15	Dalai Lama participará do Festival Glastonbury	http://www.territorioeldorado.limao.com.br/musica/mus328711.shtm
Estadão	06/07/15	Aconteceu em 6 de julho	http://brasil.estadao.com.br/blogs/arquivo/aconteceu-em-6-de-julho-4/
Estadão	07/09/15	Brilhante e brutal	http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,brilhante-e-brutal,1757518
Estadão	22/09/15	Qual a Sua Vocação?	http://vida-estilo.estadao.com.br/blogs/xavecós-e-milongas/qual-a-sua-vocacao/
Estadão	24/09/15	Líder católico homenageia heróis americanos	http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,lider-catolico-homenageia-herois-americanos,1768603
Gazeta do Povo	13/08/15	Conexões	http://www.gazetadopovo.com.br/blogs/educacao-e-midia/conexoes/
Gazeta do Povo	17/08/15	Denúncia mancha reputação de monge	http://www.gazetadopovo.com.br/mundo/new-york-times/denuncia-mancha-reputacao-de-monge-3tjiv96eozbb3x298deyik3ps
Gazeta do Povo	24/09/15	Salafismo	http://www.gazetadopovo.com.br/opiniaõ/colunistas/carlos-ramalhete/salafismo-6zd2jxz72n9gfb8dpkrkp9jja

Gazeta do Povo	26/09/15	O que fazer na Índia	http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/o-que-fazer-na-india-2n31chb4wj6ou25drbz2bqip2
Gazeta do Povo	26/09/15	À beira do rio Ganges, autoconhecimento	http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/a-beira-do-ganges-autoconhecimento-e65n35tcztsuodgxq6be1ttly
Gazeta do Povo	09/09/15	Brasileiros pela China	http://www.gazetadopovo.com.br/blogs/uma-familia-brasileira-na-china/brasileiros-pela-china/
Gazeta do Povo	10/07/15	5 dicas para encarar melhor a solidão	http://www.gazetadopovo.com.br/viver-bem/comportamento/7-dias-para-encarar-melhor-solidao/
Gazeta do Povo	09/05/15	Conheça os principais destinos de turismo religioso	http://www.gazetadopovo.com.br/viver-bem/turismo/conheca-os-principais-destinos-turismo-religioso/
Folha de S. Paulo	30/05/15	Vilarejo chinês denuncia roubo de múmia de monge budista	http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/05/1634517-vilarejo-chines-denuncia-roubo-de-mumia-de-monge-budista.shtml
Folha de S. Paulo	25/05/15	Cabala e parapsicologia inspiraram livros de ficção científica De Phillip K. Dick	http://www1.folha.uol.com.br/livrariadafolha/2015/05/1633348-cabala-e-parapsicologia-inspiraram-livros-de-ficcao-cientifica-de-philip-k-dick.shtml
Folha de S. Paulo	17/05/15	É possível treinar o cérebro para ser feliz, diz monge francês especialista em biologia molecular	http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2015/05/1630092-e-possivel-treinar-o-cerebro-para-ser-feliz-diz-monge-frances-especialista-em-biologia-molecular.shtml

Folha de S. Paulo	26/09/15	Evento de líder espírita sobre a paz tem 1 edição em São Paulo	http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/09/1687058-evento-de-lider-espirita-sobre-a-paz-tem-1-edicao-em-sao-paulo.shtml
Folha de S. Paulo	25/09/15	Dalai Lama diz que eventual sucessora tem que ser 'atraente'	http://www1.folha.uol.com.br/bbc/2015/09/1685828-dalai-lama-diz-que-eventual-sucessora-tem-que-ser-atraente.shtml
Folha de S. Paulo	29/08/15	Para budistas, tempo dedicado à limpeza traz sensação de plenitude	http://www1.folha.uol.com.br/livrariadafolha/2015/08/1675102-para-budistas-tempo-dedicado-a-limpeza-traz-sensacao-de-plenitude.shtml
Folha de S. Paulo	15/08/15	Denúncia de estelionato mancha reputação de monge chinês	http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/08/1668251-denuncia-de-estelionato-mancha-reputacao-de-monge-chines.shtml
Folha de S. Paulo	12/08/15	Conheça os principais títulos que chegam às livrarias em agosto	http://www1.folha.uol.com.br/livrariadafolha/2015/08/1667611-conheca-os-principais-titulos-que-chegam-as-livrarias-em-agosto.shtml
Folha de S. Paulo	18/08/15	Na Tailândia o alvo é o símbolo da paz	http://www1.folha.uol.com.br/colunas/clovisrossi/2015/08/1670390-na-tailandia-o-alvo-e-o-simbolo-da-paz.shtml
Folha de S. Paulo	26/07/15	Atrações gastronômicas em SP tem jantar para orixás e bufê budista	http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2015/07/1660226-atracoes-gastronomicas-em-sp-tem-jantar-para-orixas-e-bufe-budista.shtml
Folha de S. Paulo	24/07/15	China crema corpo de monge tibetano preso sem consentimento, diz grupo	http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/07/1659879-china-crema-corpo-de-monge-tibetano-preso-sem-consentimento-diz-grupo.shtml

Folha de S. Paulo	21/07/15	Somos todos responsáveis por corrupção e violência, diz Prem Baba	http://www1.folha.uol.com.br/colunas/re-desocial/2015/07/1657991-somos-todos-responsaveis-por-corrupcao-e-violencia-diz-prem-baba.shtml
Folha de S. Paulo	12/07/15	Conexão underground	http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2015/07/1653439-conexao-underground.shtml
Folha de S. Paulo	12/07/15	Religião deveria ser matéria compulsória	http://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2015/07/1653458-religiao-deveria-ser-materia-compulsoria.shtml
Folha de S. Paulo	11/07/15	Novos livros de colorir para adultos prometem conteúdo	http://www1.folha.uol.com.br/colunas/raquelcozer/2015/07/1654600-novos-livros-de-colorir-para-adultos-prometem-conteudo.shtml
Folha de S. Paulo	06/07/15	Intolerância e monoteísmo	http://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2015/07/1651539-intolerancia-e-monoteismo.shtml
Folha de S. Paulo	03/07/15	A gênio Antony e as interrupções	http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/07/1651208-o-genio-antony-e-as-interrupcoes.shtml
Folha de S. Paulo	03/07/15	Mautner e Marcelino transformam mesa da flip em um maracatu atômico	http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/07/1651106-mautner-e-marcelino-transformam-mesa-da-flip-em-um-maracatu-atomico.shtml
Folha de S. Paulo	02/07/15	Poeta portuguesa Matilde Campilho emociona a plateia na flip	http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/07/1650983-poeta-portuguesa-matilde-campilho-emociona-a-plateia-na-flip.shtml
Folha de S. Paulo	25/06/15	Dalai Lama irá ao festival de música de Glastonbury, na Inglaterra	http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/06/1647581-dalai-lama-ira-ao-festival-de-musica-de-glastonbury-na-inglaterra.shtml

Folha de S. Paulo	19/06/15	Dia internacional da Ioga será neste domingo, veja fotos da prática na Índia	http://f5.folha.uol.com.br/voceviu/2015/06/1645043-dia-internacional-da-ioga-sera-nesse-domingo-veja-fotos-da-pratica-na-india.shtml
Folha de S. Paulo	15/06/15	Livro explica como encontrar o trabalho da sua vida	http://www1.folha.uol.com.br/livrariadafolha/2015/06/1639691-livro-explica-como-encontrar-o-trabalho-da-sua-vida.shtml
Folha de S. Paulo	14/06/15	Luís Roberto Barroso, a fé, a razão e outras crenças	http://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2015/06/1641549-luis-roberto-barroso-a-fe-a-razao-e-outras-crencas.shtml
Folha de S. Paulo	01/06/15	"Raiva envenena a gente e você fica feio de boca torta, afirma Betty Faria"	http://f5.folha.uol.com.br/colunistas/renatokrainer/2015/06/1641359-raiva-envenena-a-gente-voce-fica-feio-de-boca-torta-afirma-betty-faria.shtml
Folha de S. Paulo	04/06/15	Miranda em Mianmar	http://www1.folha.uol.com.br/colunas/zeacacamarco//2015/06/1637417-miranda-em-mianmar.shtml
Folha de S. Paulo	01/06/15	"Bem que eu gostaria de estar noiva de novo", confessa Cláudia Raia	http://f5.folha.uol.com.br/colunistas/renatokrainer/2015/06/1636363-eu-bem-que-gostaria-de-estar-de-noiva-de-novo-confessa-claudia-raia.shtml
Folha de S. Paulo	03/07/15	Ator português que meditava é confundido com terrorista em avião na França	http://f5.folha.uol.com.br/voceviu/2015/07/1651214-ator-portugues-que-meditava-e-confundido-com-terrorista-em-aviao-na-franca.shtml

